CONVERSAR

OBRAS DE AUGUSTO DE CASTRO

THEATRO:

Caminho Perdido (1906).
Amor á Antiga (1907).
Chá das Cinco (1909).
Vertigem (1910).
As nossas amantes (1912).

PROSA:

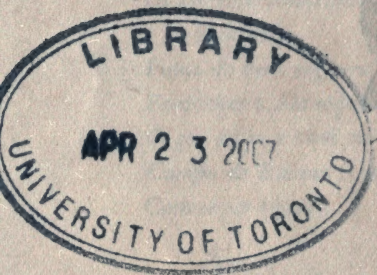
Religião do Sol (1900) — Exgotado.
Os Direitos Inteletuaes e a Creação Histrionica (1912) — Exgotado.
Fumo do meu cigarro (1916) — 4.ª edição.
Fantoches e Manequins (1917) — 2.ª edição.
O que eu vi e ouvi em Hespanha (1917).
Campo de Ruinas (1918) — 3.º milhar.
Conversar (1919).

AUGUSTO DE CASTRO
Da Academia das Sciencias de Lisboa

CONVERSAR

SOBRE VIAGENS, AMORES, IRONIAS

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58-60, RUA GARRETT — RUA DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Typ. do Anuário Comercial — Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

AO

DR. AUGUSTO SOARES,

MEU AMIGO.

A mulher de luto

Pelas primeiras horas da tarde desse historico dia 11 de novembro, em que foi assinado o armisticio, Paris inteiro, enchendo as ruas, cantava, folgava, ria — com essa alegria comunicativa, entusiastica, louca que só Paris, nas suas grandes horas ruidosas, conhece. Como um mar imenso de bandeiras flutuando, de gritos multicores, rolando em vagas imensas, cerradas, arquejantes, a multidão alaga, inunda, afoga os *boulevards*. São os grandes *camions* de guerra pejados de americanos abalando os ares n'um estrepito colossal; são soldados ingleses suspensos das portinholas, dos tejadilhos dos automoveis ou amontoados sobre os estribos, repicando sinos, agitando campainhas e flamulas; são grupos de escossezes e canadianos levando em triunfo, sobre os hombros robustos, raparigas coroadas pela *casquette* franceza, desfraldando o estandarte tricolor; são italianos, portuguezes, japonezes, montenegrinos, romenos, *poilus* e *tommies*, militares de

todas as nacionalidades alliadas, arrastando pelas grandes avenidas, precedidos de *midinettes* que dançam, do povo que baila, de musicas, de festas, de ruido, dezenas de canhões trazidos do grande espolio da artilharia alemã que guarnece a praça da Concordia.

As mulheres e os homens beijam-se na rua: grita-se em todas as linguas; dez ou doze hinos diversos, entoados por milhares de bocas, sacodem o espaço; os acordes vibrantes da *Marselheza* e da *Carmagnole* misturam-se ás canções das montanhas servias e ao *God save the King;* das janelas, embandeiradas, onde se agitam, se confundem todas as côres da *Entente*, saudam lenços, palmas, aclamações e flôres; clarins, tambores, pifaros vibram, ruflam, sôam de todos os lados, na folia imensa. Da *Madalena* a *S. Dinis;* da rua *Auber* ás grades das *Tulherias*, desde a *Etoile* a *Montmartre,* dos *Campos Elysios* ao *Louvre,* a maré humana, lenta, estrepitosa, barbara, policroma, vinda de todos os cantos, de todos os bairros, sobe, cresce a cada momento.

«*Nach Paris! Nach Paris!*» — grita a multidão sarcastica, repetindo, como uma troça suprema, o grito provocador dos invasores de 1914; os nomes de Foch e de Joffre, de Clemenceau e de Wilson, são entoados,

cantados na apoteose delirante, estrídula, de centenares de vozes. Os capacetes dos militares andam sobre as cabeças louras e despenteadas das musas dos *boulevards*; ha soldados que, sobre bengalas e baionetas, agitam como trofeus, plumas e *aigrettes* de mulheres; tudo confraternisa e tudo grita, a mesma loucura envolve todos num imenso, irresistivel carnaval de gloria e de triunfo.

Duma rua transversal, timidamente, cortinas cerradas, um *taxi* tenta debalde romper a formidavel massa delirante de gente que se comprime e marcha. Ha encontrões, protestos, apupos. O automovel é cercado, aberto, invadido. Uns galões brilham dentro: alguem aclama um nome que outros em volta repetem: «*Mangin! Mangin!*» E' o general Mangin que se dirige naturalmente ao ministerio da guerra. Os braços dos soldados arrancam do assento o heroico general e, em charola, sobre os hombros de homens e de mulheres, de estudantes e de militares, de francezes e de americanos, o vencedor é conduzido, entre nuvens de lenços, de *casquettes*, de flôres, rua abaixo, ao seu destino.

O cortejo desce vagarosamente o *boulevard* Montmartre, o *boulevard* dos Italianos; detem-se um momento perto do edificio do Credit Lyonnais, deante de um enorme *pla-*

card com um retrato enorme de Foch, e continúa, por entre uma tempestade de ovações, serpenteando, espraiando-se, rolando. Eil-o que, engrossado agora por milhares de pessoas, chega á praça da Opera, onde, em frente do *Café de la Paix*, a multidão saúda um aviador francez que, sobre uma meza, no *trottoir*, agradece, sorrindo, a manifestação. Não se rompe. Mal se respira. Como cachos humanos, centenas de pessoas sobem aos candieiros, trepam pelas escadas da Opera, seguram-se aos toldos dos estabelecimentos, debruçam-se das janelas do Grande Hotel. Um sol pallido doura o ar cinzento e humido. O nome de Mangin ouve-se sempre — e agora é Petain, é Castelnau, é a Alsacia e Lorena que são aclamados.

E' então que, subindo as escadas da estação do Metropolitano, uma mulher ainda nova, toda coberta de crépes, magra, mais magra ainda nas suas vestes de luto, aparece no meio da praça, seguida por tres crianças, entre os quatro e os oito anos, vestidas tambem de preto. A creatura quer passar — não pode. Pára, indifferente, contrariada, olhando a multidão ruidosa, sem saber o que fazer. Ao fim duns momentos, vendo a impossibilidade de seguir o seu caminho, resolve-se a descer novamente as escadas da estação do

Metro. O seu luto, o luto daquellas tres crianças, a sua tristeza naquele dia de festa, denunciam nela, sem possibilidade de engano, a viuva de algum oficial francez recentemente morto pela Patria. Quem a viu? Quem a reconheceu? Quem teve a inspiração feliz e delicada? Não sei. O que sei é que, num segundo, um grupo de militares e de civis correu em direção ás escadas, envolveu aquela dor mortificada, na evocação da Morte, pela alegria e pela embriaguez dos vivos. Um grito resoou triunfal: *Viva a França!* E, como numa apoteose unica, como se a mesma comoção tomasse, no mesmo fremito, toda aquela gente, de perto, de longe, de todas as classes e de todas as raças, que enchia os ***boulevards***, o grito imenso repercutiu-se de um extremo ao outro: *Viva a França!* A loucura interrompeu-se por um momento, emquanto, como um éco admiravel, a apoteóse ia de boca em boca. Dir-se-hia que Paris inteiro ouviu e repetiu a aclamação soberba — e que a repetia e ouvia, naquele instante com o coração da cidade, o coração dos campos de batalha, das terras devastadas, de todos os lutos, de todas as glorias, de todas as dores, de todas as orfandades gloriosas da França e do mundo inteiro!

Viva a França! E viu-se então — espectaculo soberbo e inolvidavel! — aquela mulher hirta, grave, palida de morte, tomar das mãos de um *poilu* a bandeira tricolor e, silenciosamente, envolver nela, aconchegando-os ao coração, os tres filhos que a cercavam — e, depois, abalada por uma convulsão irreprimivel, sacudida por um soluço mal sufocado, beijar e cobrir de lagrimas, amachucando-o entre as mãos, o farrapo glorioso, simbolo da Patria imortal.

O grito imenso calou-se. Fez-se o silencio em torno. Impelida por um pensamento unico e sagrado de respeito, a multidão cerrou-se, comprimiu-se, abriu alas. E a mulher de luto, enxugando os olhos, seguiu o seu destino.

A mascara de D. João

Quem fôr a Sevilha embriagar-se no aroma do sol e dos jasmins da Andaluzia, não deixe de ir visitar o tumulo de D. João. E' no Hospicio de La Caridad que repousa, perpetuamente alumiado por devotos cirios, o corpo desse que a lenda diz ter sido o imortal sedutor que ha duzentos e tantos anos alarmou Sevilha com a fama dos seus vicios, dos seus crimes e dos seus remorsos. Mãos brancas de mulheres — religiosas de S. Vicente de Paula — perfumam ainda hoje de flores a sepultura desse grande amado e grande desprezador de mulheres. Eis o epitaficio que cobre o tumulo: «*Aqui reposa el cuerpo d'el s.*[or] *Miguel Mañara que aviand servido a Dios nuestro S.*[or] *en sus pobres y con ardiente caridad y zelo y exercitado grandes y heroicas virtudes con fama de insigne caridad dormio en el Señor y le entregu su espirito en esta s.*[ta] *casa el dia martes, 9 de maio del año D. N. S. A. Salud de 1679.*»

A tradição refere que, uma noite, saindo, embuçado, de uma orgia, D. Juan Mañara encontrou, ao voltar de uma rua, um enterro que se dirigia á egreja de Santo Izidro.

— Quem levaes á cova? — perguntou D. João, saindo da sombra.

— Um pecador que vae dar contas a Deus dos seus horriveis pecados — respondeu a figura negra de um penitente que acompanhava o feretro.

— E quem é esse pecador que se lembrou de morrer agora? — insistiu, cambaleando, D. João. Um amante ou um marido?

E uma gargalhada arripiou, casquinando, o frio e a piedade da noite,

— E' o sr. D. João Mañara que vae a enterrar — concluiu, caminhando, a figura do penitente, indiferente ao riso do transeunte. — Vinde conosco, se quereis rezar por ele.

D. João estremeceu. As palavras daquele homem mascarado, o silencio, só quebrado pelo murmurar das rezas e pelo tanger dos sinos, a visão daquelas filas de cirios empalidecendo a noite, o éco da sua propria voz, gelaram-no, por um momento. Deu dois passos, cosido á parede. O enterro dobrava uma esquina e entrava, sombra espessa e sinistra, na claridade de uma praça. O fidalgo fez um movimento, levou a mão á espada, rom-

peu por entre o cortejo dos padres, que entoavam psalmos e, oculto na sua capa negra, abeirou-se do caixão, em que um raio de luar batia, como uma chama de prata. Deu um grito. As feições do morto eram, de facto, as suas. Era ele, D. João de Mañara, fidalgo de Sevilha, que ia ali a enterrar. O cortejo subia os degraus da egreja de Santo Izidro, transpunha o largo portico, alongava-se pelo templo inundado de incenso. O libertino seguiu o seu proprio funeral. Ajoelhou sob as naves, orou.

Na manhã seguinte, os frades vieram encontral-o, sem sentidos, sobre o lagedo — e dali o levaram para uma cela. Pouco depois, o grande corruptor, o D. João devasso, professava e da sua vida exemplar de arrependido e de religioso resta a memoria do hospital, que a sua caridade fundou e onde o pó dos seus ossos se guarda misericordiosamente. Sobre uma parede do pateo, num soneto celebre, o sedutor convertido a Deus, que lhe perdoou, exorta-nos ainda:

> Y que es morir? Dejarmos las passiones.
> Luego el vivir és una larga muerte
> Luego el morir una dulce vida.

Mas o hospital não conserva sómente de D. João de Mañara, cavaleiro de Calatrava,

além do tumulo e da lição de quatorze versos piedosos, algumas imortais obras de arte e o legado do seu severo exemplo. Numa cela decorada por um grande retrato do monge, as freiras mostram ainda aos visitantes, dentro de uma urna de cristal, a mascara esculpida sobre o seu proprio rosto, do celebre e voluptuoso fidalgo.

O tempo guardou os traços fortes e as feições duras dessa fisionomía de sensual e de mistico — como a lenda perpetuou as suas façanhas e a sua vida. Contemplo longamente esse perfil anguloso, em que ha qualquer coisa de sinistro — essa boca, em cujo vicio tantas mulheres encontraram o veneno da vergonha e da morte. A freira que me acompanha, desbotada flôr de vinte anos, surpreende o meu olhar e uma crispação passa na cera das suas faces. O misterio do amor é mais forte que o misterio da morte. E do fundo desses labios de homem, purificados pelo arrependimento e cerrados pelo divino sono, dir-se-ia que se desprende ainda, através do tempo, o que quer que seja de ardente, de impuro, de fatal, mixto de desengano, de ferocidade e de remorso, que nos arripia. O que teria havido no escuro dessas orbitas, que seduzia e depravava; qual seria o filtro de prazer e de dôr que essa boca pervertida distilava?

... E não esquecerei nunca os olhos virgens e macerados dessa freira de vinte anos, na humidade daquela cela, emquanto o sol de Sevilha, lá fóra, fazia desmaiar os craveiros do claustro, interrogando comigo nessa carcassa lendaria o enigma eterno do Amor!

Semana Santa

A lisboeta nesse dia — quinta-feira santa — vestiu-se rigorosamente de preto e saiu a visitar as suas sete egrejas. O luto faz-lhe realçar deliciosamente o bustosito voluntarioso e fino, a sua graça ondulante de morena e o seu andarsito balouçado de ave. A quaresma é, em Lisboa, uma quinta estação do ano. Não tem apenas a sua sagrada liturgia religiosa — tem tambem a sua elegante liturgia mundana. Nessa quadra, que ainda não tem as louçanias da primavera, mas já não tem os rigores do inverno, a lisboeta, que durante onze mezes e tres semanas sofre inclemencias para se vestir para nós, homens, veste-se escrupulosamente para Deus. De freira? Não. De penitente. Apenas a sua *toilette* de penitente é confeccionada, como os seus pecados, pelos ultimos figurinos de Paris. E é com o seu chapeu escuro e complicado, com o seu véu bordado, com os seus tacões imensos, o seu *frou-frou* de sedas e o seu molho fresco das ultimas vio-

letas, que ela vae fazer a sua penítencia ás Chagas, aos Martires e a S. Nicolau.

Não é isto desdenhar da piedade da lisboeta — que crê em Deus e ainda bem que crê. A mulher sem religião — para mim que sou crente — é uma creatura absurda e extravagante que me dá uma vaga impressão de horror. Simplesmente, a nossa burguezinha galante do Chiado, acomodando os misterios divinos á sua concepção muito futil da vida, consegue, por uma estranha aliança de misticismo e garridice, dar-nos, vestida de pezames, uma quaresma sem tristeza. Lisboa povoa-se duma pequenina feira de crépes, de sombras, de devoção — e, no entanto, fica, como nunca, alegre e ruidosa. E' a lisboeta que faz o milagre, com o sêu vae-vem elegante, subindo e descendo as ruas, acotovelando-se ás portas dos templos e mostrando-se muito para que Deus a veja — e nós olhemos para ela. E, no fim da tarde, extenuada, quasi em tropel, tendo rezado alguma coisa e tendo passeado muito mais, invade as confeitarias, devora interminaveis rozarios de *bon-bons* e de doces de ovos e só regressa a casa á noite, leve de pecados, mas carregada de amendoas.

Entre nuvens de incenso, psalmos de dôr e mil lumes e flôres, Cristo, entretanto, re-

nova, nos altares, a lição divina da sua paixão e da sua morte. Do sagrado martirio da Sua redentora agonia eleva-se, sobre todas as almas fieis, sobre as grandes maguas e os grandes desamparos da vida, a inefavel voz do seu exemplo e da sua misericordia imensa. Na doce penumbra dos templos, a memoria dos homens celebra o mais belo, mais doce, mais poetico drama humano — e o mais terno poema divino.

... Se a pequenina lisboeta, ajoelhando nos severos degraus e nos lagedos da egreja, junto daqueles que oram, não poude desprender-se inteiramente do profano receio de engelhar a seda ou o veludo do seu lindo vestido da moda; se, ao regressar ao lar, os seus labios indiscretos vão muito mais perfumados de chocolate e de créme do que impregnados da santa unção da préce; se do doloroso e grave misterio de dôr e de morte — que nunca foi maior no mundo! — a cuja comemoraçã assistiu, ela não trouxe para a sua alma deliciosa e banal, mais do que uma distante emoção e dois quilos de amendoas torradas — que Cristo lhe perdoe, como nós lhe perdoamos!

A nossa imagem

Os teatros de Paris, entregues, como nunca, ao culto plastico das revistas e das pantomimas mais ou menos coreograficas, cozinhadas para lubrico deleite dos milhares de americanos e inglezes que enchem a grande cidade, pouco ou nada oferecem agora de interessante. Mistinguet, velha e desazada, mas sempre original e pitoresca, com as suas espaduas núas, outrora resplandecentes, os seus *can-cans* delirantes e a sua fantazia de *boulevard*, é ainda a grande Musa dessa Festa de extravagancias, de banalidades e de grosserias galantes, que é, quasi sem exceção, a Feira Franca dos teatros parisienses, neste acidentado e não desanúviado fim de guerra. A segunda peça de Guitry foi, como a primeira, um mal disfarçado desastre. Apenas, no teatro Réjane, Henri Bataille nos dá, com uma sala ás moscas, dois actos de conflito e de emoção, com o titulo sugestivo *Notre Image*, que tem um desempenho verdadeiramente soberbo por parte de Réjane e de Huguenet.

A Nossa Imagem não é uma boa peça. Falta-lhe, sobretudo, nitidez e sinceridade, e tem um prejudicial excesso de literatura. Mas essa admiravel *fuga* de inspiração e de lirismo, ás vezes exotico e decadente, mas sempre delicado e comunicativo, que caracteriza o talento tão pessoal de Bataille, imprime, apesar de tudo, a essa obra uma sensibilidade e uma poesia que são o bastante para nos encantar.

A Nossa Imagem é o episodio do crepusculo duma mulher. Bela, amada, com um passado demasiado livre e aventureiro, no dia em que essa mulher, obedecendo ao seu destino d'amor e pretendendo resgatal-o, procura reacender, deante dum homem que foi uma sua antiga paixão, a chama da juventude, descobre que tudo o que ainda podia despertar de desejo e de saudade se dirige não a ela, ao seu coração impenitente e à sua beleza fatigada, mas á imagem e á recordação do que ela fôra. E descobre-o surpreendendo, muda de espanto, o homem que outrora a amara e de quem julgára poder ser ainda amada, arrebatado pela aparição inesperada da mocidade da filha — flagrante ressurreição, quasi fotografica, da sua mocidade.

E' esta a ultima desilusão da amorosa. Perante ela, o seu coração d'Eva renuncia —

e a mundana resolve-se, cumprindo o seu dever burguez de mãe, a entregar de vez as suas deceções e a sua mão a um dessorado casamento, gágá e grotesco, que lhe garante a tranquilidade e a condescendencia do mundo para o resto dos seus dias.

Se, de longe, no enlace romantico do conflito, a peça lembra o *Fort comme la mort*, de Maupassant, da sua emoção, bastante procurada e composta para ser verdadeiramente humana, desprende-se, todavia, um evocativo e real perfume de melancolía que não é facil de descrever.

Essa imagem do passado, que é a nossa propria imagem, todos nós a vimos ou veremos erguer-se deante de nós, uma vez na nossa vida — visão que é uma das mais crueis dôres do envelhecer. Surge-nos quando menos pensamos e para a fazer surgir de nós proprios, da nossa propria alma, bastam o éco duma palavra, uma figura amiga que ha muito não vemos, uma recordação, um simples objeto esquecido e novamente encontrado numa gaveta ou na poeira dum armario, um retrato ou uma paizagem.

O espetro do que fomos aparece então ante nós — mais dilacerante porque se sobrepõe á realidade do que somos e á imagem do que, ai de nós!, desejariamos ter sido e

não conseguimos ser. E quando essa velha imagem — a nossa imagem — nos pede contas do que fizemos da vida, dos nossos sonhos, ambições, desejos extintos, raros serão aqueles que poderão, sem remorsos, responder. Deante dessa imagem, nossa inimiga, quasi todos fugimos, escondendo a propria alma dessa outra alma que foi nossa e que é hoje extranha e hostil a nós — refugiando-nos ou na embriaguez da vida e pedindo a essa embriaguez a inconsciencia e o esquecimento, ou na banalidade e na resignação, como a heroina de Bataille.

Nossa Senhora da Solidão

Toda a gente vae a Lourdes. Poucos, muitos poucos devotos conhecem a montanha mistica e misteriosa de Montserrat, em plena Catalunha, a alguns quilometros de Barcelona, onde os reis d'Aragão e Carlos V vinham implorar a Virgem — na solidão do ceu e do silencio.

Recordo ainda a emoção dessa singular noite de luar em que, pela linha ferrea de Monistrol, fiz esse trajeto admiravel, entre rochas e torrentes, que, através de despenhadeiros e tuneis, conduz aos pés do Santuario. A montanha imensa, a montanha sem fim, arida, sulcada d'agua e d'abismos, com seus pincaros formidaveis e suas profundezas tenebrosas, elevava-se a nossos olhos deslumbrados, sob o veu de prata florida que tombava, humido, do espaço.

Subia-se, subia-se sempre. Em baixo, os montes, as planicies, as ultimas casas eram ninhos de treva, de verdura ou pequenas manchas cinzentas que a distancia esfumava.

Além, ainda, a cruz dum campanario, o vulto sumido duma ermida, a respiração dum vale — o vago das sombras, a elegia das colinas e dos prados. E deante de nós, crescendo, avançando, a agua forte das cascatas e das neves, a ascensão do vento, a bravía, escalvada e forte ronda da Altura e da Serra erma. Ao fundo, perdida já ao longe, entre nevoas, dir-se-ia que ficava a Terra — e o que se escalava era o Ceu, que os penedos mais altos rompíam, tocando as estrelas com seus dedos esguios e sinistros de fantasmas.

Tres quartos de hora depois, o funicular despejava-nos na pequena *gare* de Montserrat, á porta do casarão enorme do convento, entre um formigueiro de gentes da Catalunha e de Zaragoza, peregrinos alegres sentados em torno duma fogueira ou dum farnel, devotos de boina e alpercatas que a festa da Virgem do día seguinte ali trouxera e que esperavam, a maior parte ao relento, o romper dos sinos e das préces da madrugada.

Hospedarias, hoteis não ha naquele logar, bem amado de Santo Inacio de Loiola e pisado por mais de dez seculos de devoções. Um pequeno restaurante apenas pegado á estação — e, para pernoitar, forçoso era recorrer á hospitalidade dos irmãos beneditinos.

Lá fomos bater submissamente e o superior da Ordem, figura barbara e descarnada de santo hespanhol, estendeu-nos na sua mão ossea umas chaves e deu uma ordem breve a um outro frade. Descemos de novo ao terreiro, penetrámos por uma escada de pedra, á luz de uma candeia, no interior do convento, atravessámos um corredor enorme e, no fim dele, o monge abriu-nos as portas das celas, na parte destinada aos hospedes do monasterio. Ficámos na escuridão. Minutos depois, o frade volvia, entregava-nos silenciosamente duas velas, lençoes, dois cobertores e desaparecia, murmurando umas *buenas noches* secas.

Em baixo, o formigueiro dos peregrinos cantava. Ouviam-se ladainhas, gaitas de foles e *aragonezas*. Cheirava a peixe frito, a incenso e a jasmins. O perfil do Santuario era uma sombra a um lado. A cadeia dos rochedos e das nuvens fechava o espaço. Das aguas distantes do Llobregat evaporava-se uma neblina mais espessa ainda que a poeira do luar que, do alto, adormecia as coisas. A alma da noite abria sobre nós, como uma ave selvagem, as suas azas de aguia. Deus repousava, longe do mundo, entre as flôres bravas dos astros.

... E, no dia seguinte, ainda o sol mal

nascia, nós deixávamos o convento, a egreja alumiada por mil cirios, as capelas, o proprio caminho da Santa Gruta e partiamos para o alto do monte S. Jeronimo onde, a mais de dois míl e duzentos metros d'altura, uma imagem enorme do Santo, de braços abertos sobre os abismos, parece abençoar o Universo inteiro. Caminhámos duas horas, trepando entre pedras a pique, entre urzes, carreiros rasgados na penedia — ao lado das serras sem fim. E quando, desanuviada deante de nós a perspectiva grandiosa e inolvidavel da mais selvagem, acre, gigantesca paisagem que meus olhos hão visto, pudemos contemplar aquela natureza deserta, queimada pelo sol e pelos furacões, onde não vive um halito de verdura nem canta uma plumagem d'arvore, o espectaculo da cordilheira imensa reservava-nos uma alucinação suprema. Afastada da terra e dos homens, uma extranha e deformada humanidade de espectros se enroscava a nossos pés. Como monstruosas figuras humanas, os rochedos tomavam fantasticas, inverosimeis fórmas e atitudes. Dir-se-ia um mundo de ciclopes debruçado sobre cavernas: craneos ante-diluvianos, espreitando em seus olhos vulcanicos, garras de féras arranhando-se, grupos de mastodontes brincando, cavalga-

das infernaes brandindo lanças de fogo — toda uma caricatura assombrosa, exotica, macabra da Humanidade e da Natureza, da Mitologia e da Vida.

Era a Montanha Santa. E, através da sua farandola de espetros, — sugestão da lenda ou prestigio da solidão — a mão de Deus, forte como o castigo, mas profunda como a verdade, oprimia-nos o peito, esmagando-nos. Não era, certamente, o Deus doce das préces e dos retabulos, o Deus dos altares e das novenas, o Deus condescendente da dôr cristã e do amôr — mas era o Deus das tempestades, o Deus que cria, que aniquila, o Deus que sacode o mar e que despede o raio, o Deus medieval que fuzila e assombra, o Deus da desgraça, o Deus da Força e do Destino, tal como Ele apareceu ante os primeiros mortaes, semeando a justiça e os ventos implacaveis!

Era Deus, emfim, na sua potestade infinita — e a Virgem, Nossa Senhora da Solidão, que, naquela montanha, ha mais de dez seculos, surgiu aos homens, escolheu certamente aquele logar para, na agonia prodigiosa que ali contorce as coisas, ensinar ás almas vãs que nós somos a humilhação sagrada do perdão. Peregrino de Montserrat, tambem eu ajoelhei sobre aquela terra len-

daria, naquela manhã sublime, ouvindo em baixo o éco do vento redemoinhar e soluçar como a impotencia eterna da Dôr Humana — que só a montanha e o mar sem fim egualam.

Terra de Portugal

Santarem tem as *Portas do Sol* — mas tem tambem as suas Portas do Paraizo... As Portas do Paraizo são as lindas mulheres que possue.

Não me demorei mais de tres quartos de hora na pitoresca cidade — e vi algumas duzias de olhos e caritas floridas como rosmaninhos. Debruçam-se nas janelas, quando o automovel passa; cruzam-se comnosco nas ruas; quasi nos cumprimentam.

A beleza das mulheres da provincia não difere da sedução das mulheres da cidade apenas nos atavíos. A mulher da provincia conserva ainda o hospitaleiro encanto do sorriso — que a pequenina Eva das cidades quasi desconhece. Em Santarem, as lindas raparigas sorriem. Aquela linda graça do sorriso é como a esplendida claridade da paizagem — aberta, jovial, imensa e pura, no ar e no sol que inundam, a toda a vastidão do horisonte, os campos e as aguas.

E' das *Portas do Sol* que a admiravel, a

formosissima planicie ribatejana desvenda, de subito, a meus olhos, a extensão verde, humida, forte e fecunda, da sua luz inegualavel. Nessa enorme e òndulante campina que parece não ter fim, sob a cupula do ceu muito azul, alvejam na distancia as povoações. Dir-se-ia, na quietação magnifica da tarde, pombaes magnificòs, de azas brancas rufiando entre as oliveiras e os trigos.

Em frente é Almeirim, depois Alpiarça, mais além a Chamusca. Os choupos e os platanos agitam levemente na aragem os seus cabelos soltos. O Tejo humilha-se, num afago, a nossos pés. Semeiam-no manchas de areias e repregos de canaes. O Tejo velho marca ainda, a um lado, a curva quasi exangue e extinta do seu antigo leito. Definha, como uma pequena, quasi indistinta lingua de agua, junto do novo Tejo, que caminha baixo, lento, refulgente, beijando o ninho medieval do Alfange e as casas da Ribeira. A linha do caminho de ferro, quasi liliputiana, sóbe uma pequena encosta, na margem, some-se, volta-se, perde-se. Avista-se o Vale de Santarem; os olhos alongam-se na infinda paz dos milharaes, dos vinhedos, do poente que o sol começa a alaranjar. E, ante nós, o Ribatejo magnifico entôa, na graça, na frescura, na amplidão da

planicie, a sinfonia admiravel da terra portugueza!

E' então que, inclinado sobre as grades do jardim, entre um bando chilreante de crianças, um homem desgrenhado quebra a harmonia sagrada daquele silencio verdeoiro. A voz desce, quasi inintiligivel, sobre a paizagem. E' um orador, dizem-me que um pobre maluco, que fala, fala, numa torrente vertiginosa de palavras. A aragem fina da tarde envolve, dispersa, desfaz os sons. Ouvem-se apenas os nomes de Lord Kitchener, de Victor Hugo, de Camões...

E, deante d'essa verdadeira apoteose da Vida, do Triunfo, da Beleza, da Distancia e da Fecundidade que a paizagem ergue aos ceus, naquele canto do mundo, como uma verdadeira alegoria da imortal e divina terra de Portugal, aquele inofensivo guedelhudo que fala, canta, fala sempre ás arvores e aos astros, sobre um balcão de verdura, surge-me — salvo seja — no seu extranho contraste, como um simbolo vívo da raça louca que nós somos na patria bemdita que Deus nos deu!

Os falsos Rodins

Paris — que digo eu? — o mundo está sendo alarmado ha algumas semanas por uma revelação sensacional: verifica-se que algumas das mais famosas obras de Rodin não são de Rodin, mas sim falsificações, umas autorizadas ainda em vida do escultor, outras não autorizadas pelo mestre. Ha quem pretenda mesmo que o famoso genio de Rodin não passou duma colossal mistificação: o grande creador da maior parte das esculturas assinadas pelo artista celebre foi um modesto modelador, um pouco maniaco e ignorado, de cujo talento Rodin, simples cabotino, se serviu para se engrandecer e enriquecer sem escrupulos.

A formidavel descoberta produziu nos meios artisticos um autentíco panico. Ha colecionadores quasi arruinados. Obras que ha um mez valiam 100:000 francos passaram a não ter valor algum. Sobre toda a produção atribuida ao singular estatuario corre uma nuvem de duvida e de desconfiança. E' ver-

dadeiro? E' falso? Por exclusão de partes, chega-se quasi á conclusão de que Rodin nunca existiu — o que, dada a contingencia dos destinos humanos, pode ser infinitamente menos paradoxal do que à primeira vista parece.

Bem vista, esta famosa questão é apenas uma ironica demonstração de quanta estulticia, de quanta inconsciencia são feitas as grandes consagrações — e de como a humanidade é a eterna presa de eternos fetiches e de mediocres ilusões de vaidade. Rodin, verdadeiro ou falso, que importa, se é belo? As obras de Rodin eram grandes porque eram fortes e impereciveis exaltações de Beleza ou apenas porque tinham a assinal-as cinco letras ilustres?

Parece confirmar-se a segunda hipotese. Os milhares de pessoas que se teem extasiado, vindas de toda a parte do mundo, deante do celebre *Pensador*, considerando-o, sem o compreenderem, uma maravilha de concepção idealista, de inspiração e de audacia plastica, voltar-lhe-hão ámanhã desdenhosamente as costas, vendo apenas grosseria onde d'antes viam originalidade e genio, se verificarem que a famosa estatua, em logar de ser de Rodin, é dum anonimo qualquer. O proprio *Balzac*, que tantas polemi-

cas levantou, será ámanhã desprezado e vilipendiado. A França inteira repudial-o-ha. E assim se provará até á evidencia que, na na maior parte dos casos, a gloria não é mais do que o acaso dum banalissimo *snobismo.*

A obra de arte é ou não bela por si — e independentemente dos acasos da sua producção. Os frescos da Capela Sixtina são belos, porque são belos, e não porque são de Miguel Angelo. Não é o artista que faz a gloria da sua obra; é a obra que faz a gloria do artista. As pessoas que adquiriam a peso de oiro dois palmos de marmore esculpido, que o acariciavam embevecidas e que veem agora aos tribunaes confessar-se logradas, só porque sabem que esse marmore usurpava a assinatura de Rodin, são simplesmente lastimaveis e grotescas. E a opinião que segue, interessada e escandalisada, essa questão, revela apenas a inanidade e a cegueira da maior parte dos juizos humanos.

Falsificar uma obra de arte? Como? Uma obra de arte não se falsifica, porque a beleza e o talento não se falsificam: ou existem ou não existem. A arte é impessoal e a Beleza é anonima, não precisa de ser reconhecida por notario e cotada como um valor de bolsa.

A questão magna, portanto, neste debatido assunto Rodin, pode apenas importar um exame sincero de consciencia artistica deante de tudo aquilo que, bem ou mal, constitue o espolio atribuido ao poderoso estatuario a quem a França ainda ha mezes fez funeraes nacionaes. Aparte-se o que é belo daquilo que o não é. O que não é belo ficará despojado do brilho que falsamente lhe dava um titulo que lhe não pertencia. Com isso só perderão os *snobs* ridiculos que compram estatuas como quem compra conservas — pela marca da fabrica. E a parte bela, imortal, digna do triunfo soberbo e divino da posteridade — seja ou não de Rodin — continuará sendo imortal e bela. Valerá menos, industrialmente? Tanto melhor, porque a Legião de Honra de Rodin não lhe fará sombra.

Provem-me ámanhã que a *Lenda dos Seculos* não é de Victor Hugo, ou que o quadro *As meninas* não é de Velasquez. Isso não me fará esquecer a excelsa emoção das estrofes magnificas, nem me impedirá, sempre que visite o Prado, de me enternecer deante do prodigio e da graça daquelas sombras luminosas em que esvoaça e ri, todo cinza e ouro, um raio do sol da Espanha.

A divina Sarah

Um telegrama de Londres dá-nos a noticia sensacional de que a divina Sarah Bernhardt, na America, onde está, sofreu uma melindrosa operação nos rins. A admiravel comediante resistiu e está, á data das ultimas noticias, famosa.

Ha dois anos, aproximadamente, a gloriosa Sarah esteve egualmente á morte. Devem lembrar-se. O caso foi noticiado ao universo com uma mal contida emoção. A magnifica, a excelsa, a incomparavel tragica, rainha das atitudes, ia talvez ficar inutilisada para sempre. O Universo estremeceu. Sarah era mais do que uma gloria da França, mais do que uma gloria humana — era quasi uma gloria da natureza. Semanas depois, o mundo enternecido, via levantar-se do leito de uma casa de saude a soberana actriz — com uma perna a menos. E a desoladora certeza confrangeu-nos a todos. Como poderia Sarah voltar a representar? Sarah estava perdida para a sua grande missão d'arte. Como po-

deria ela dar-nos a *Dama das Camelias* côxa — ou a *Fedora* em perna de pau?

Passados dias, todos nós assistimos, porém, com pasmo, quasi com incredulidade, á incomparavel maravilha: Sarah erguia-se da cama e, ainda embrulhada em ligaduras, palida, reduzida a andar em muletas, anunciava ao mundo — que estava como nova e continuava a representar. E, de facto, voltou a representar. A humanidade estava habituada ás extravagancias, aos milagres, á quasi divindade da Sarah — mas nunca, com franqueza, supozera que a sua imortalidade fosse tão intangivel e o seu poder creador chegasse ao inconcebivel extremo de continuar a ter genio no *Hamlet* — só num pé.

Agora, na America, a peregrina Sarah, sem perna, vae ficar talvez sem rins. Já não me repugna a crêr que a estas horas sem rins, dispensada por uma excecional graça da natureza da prudente função fisiologica adstrita a tão delicados e uteis orgãos, ela continue declamando, perante as platéas estaticas da America, da Europa, da Oceania, da Asia, as palavras e os pezadelos do *Principe da Dinamarca* e as angustias de *Floria Tosca*. A'manhã, vel-a-hemos, já sem surpreza, cair n'um leito de hospital, despojar-se placidamente, scientificamente, academicamente, dos

intestinos, que não lhe fazem falta nenhuma —e continuar, impassivel, a recitar Corneille.

No dia seguinte, uma terra opulenta da California terá a ventura de lhe possuir os pulmões — e assim as gerações vêl-a-hão, a Tragica Imortal, andar, de continente em continente e de cidade em cidade, espalhando, depois do aparelho digestivo, um a um, todos os orgãos restantes da sua vida animal, as visceras todas, os braços, a ultima perna, o ultimo farrapo nobilissimo da pele.

Meu Deus! Daqui a quantos anos será dado a um bisneto nosso o prazer de vêr, num palco feerico, á luz duma ribalta estranha, entre atores de carne e osso, mover-se uma branca hipotese, constituida pelo fulgor imaterial de dois olhos, uma farripa de cabelo, uma voz cristalina, quatro ou cinco metros diafanos de gaze, vibrando nos mais puros, nobres, vivos acentos de dôr e da paixão? Será — não tenham duvida — madame Sarah Bernhardt, imortal, reduzida á derradeira mas ainda eterna expressão humana — a representar, por todos os seculos dos seculos, a *Teodora*, de Vitorien Sardou. Amen.

Velhice

Aquela encantadora amiga que, no ano passado, com tanta vivacidade, me anunciou o meu primeiro cabelo branco, escreve-me hoje a dizer: «Está vingado, meu amigo. Esta manhã, no meu pequeno quarto de *toilette*, o meu espelho deu-me o seu primeiro desgosto. Cá está, entre o loiro palido da minha cabeleira, esse primeiro fio de neve de que o meu amigo me falava. E' a velhice. Estou comovida. Anime-me e diga-me qualquer coisa, como me prometeu.» No fim, a carta, em letra ligeiramente tremula, tem um *post-scriptum*: «Confio em si. Guarde segredo. Pelo amor de Deus, não comece a espalhar que eu estou velha!»

Como vê, minha excelente amiga, guardo da sua revelação o mais absoluto segredo. Não falo nisso senão aqui — que ninguem nos ouve. E deixe-me já dizer-lhe que aquele indiscreto regosijo com que a minha amiga celebrava, no ano passado, o que dizia ser a minha velhice, não o tenho eu agora, ao ce-

lebrar o que a minha amiga supõe ser a sua. As mulheres teem um certo prazer em vêr envelhecer os homens — e os homens não teem prazer algum em vêr envelhecer as mulheres. As mulheres é que são a nossa mocidade ou a nossa velhice. Quando, em torno de nós, as mulheres que conhecemos, começam a desbotar, a emurchecer, a apagar-se — a flôr da nossa vida desfolha-se nas primeiras nortadas do outono. Emquanto, junto do nosso coração, a primavera de Eva sorri e perfuma, está a nossa alma abrigada dos crepusculos do inverno.

Veja, por isso, a minha amiga o sobresalto com que eu receberia a sua noticia, se ela tivesse qualquer gravidade. Mas, felizmente para nós ambos, a sua inquietação não tem razão de ser. Um cabelo branco entre os seus cabelos loiros! Sabe o conselho que lhe dou? Corra já ao seu cabeleireiro — e vingue-se. Como? Pintando-o.

Arrancal-o? Não. Seria um ato de desespero e a minha amiga não deve perder o sangue-frio. Pinte-o, pinte-o, quanto antes. Para as mulheres com o seu temperamento, a velhice é, sobretudo, uma questão de habito. Se a minha amiga se resigna, se se habitua a esse primeiro inimigo, está-lhe definitivamente nas mãos. Esse primeiro cabelo

branco é a primeira ironia do seu destino de amorosa que a espreita. A estas horas, o maroto observa-a, estuda-a, sorrindo, perscrutando o efeito que produziu no seu espirito. Se a vir cair aniquilada sobre a sua *chaise-longue*, se vir nos seus olhos o primeiro rubor de uma insonia ou o primeiro alarme de uma lagrima, esse primeiro adversario da sua beleza triunfará — e a minha amiga pertencer-lhe-ha para sempre. A tirania desse fiosito quasi imperceptivel de neve escravisal-a-ha inteiramente. Ai de si, minha amiga! Quanto mais quizer depois fugir-lhe, mais se enleará nele! Desde pela manhã até á noite, amargurando todas as suas alegrias e todos os seus desejos, esse cabelosito branco pungil-a-ha. Cravar-se-ha no seu peito como uma seta envenenada, atravessar-se-lhe-ha no olhar, no sorriso, no coração. Tel-o-ha deante de si como uma sombra que, hora a hora, cresce e pesa. Dentro em breve, essa nuvem ensombrará toda a sua vida. A minha amiga atordoar-se-ha, tentará iludir a sua vigilancia e o seu despotismo — mas o inimigo lá estará, colado ao seu espelho e ao seu pensamento, muito mais do que ao seu penteado e, com uma vozita fria e antipatica, dir-lhe-ha ao ouvido, a cada sorriso que lhe adivinhar: «Pois sim,

ri, que eu cá estou», ou a cada lagrima que lhe perceber: «Chora, consome-te, que eu espero-te.» E essa voz que se lhe anuncia e a espera, essa, sim, minha joven amiga — é a velhice!

Se, ao contrario, nos seus olhos imperiosos e na sua boca feliz, o inimigo que hoje a espreita, sorrateiro entre os seus cabelos, vir, desde o primeiro instante, a serena e vitoriosa rebelião, a batalha estará para todo o sempre ganha, em seu favor. Não o aceite. Não o reconheça. Não o queira. Considere esse intruso como um engano da Natureza — e corrija-o. Corrija-o com agua oxigenada, com *Juvenia*, com desprezo, com audacia, com provocação. Mostre-lhe que não o teme e verá que ele não volta. Esse primeiro cabelo branco que a minha amiga me denuncia não é — oh! não! — a decadencia do seu admiravel esplendor feminino, mas é o primeiro delicado emissario que a Adversidade lhe envia para a experimentar. A velhice é covarde: só persegue aqueles que assusta. Não se assuste — e verá como ela foge de si.

Corra, pois, ao seu cabeleireiro e mande, provisoriamente, queimar todos os almanaques e todos os calendaríos que tenha lá em casa. Despreze o Tempo — que é um diabo

rabujento. Para que precisa a minha amiga de saber que dia é ou os anos que tem? Isso é uma coisa que só interessa aos outros. Fíe-se do que lhe digo — e conhecerá a eterna mocidade de Calipso. E, sobretudo, se ficou com alguma copia da carta que me escreveu, carta que em que a minha amiga está inquieta e palida, não a mostre a esse mafarrico do seu cabelo branco. Seja forte, se quer continuar a ser bela. Que ninguem suspeite desta nossa conversa! Estavamos ambos perdidos. Para todos os efeitos, o seu primeiro cabelo branco não existe. Juro-o.

Flôr de amor

Os jornaes deram uma noticia que, nos seus pormenores, me comoveu: a do falecimento de uma mulher desconhecida, que teve o nome ilustre de madame Rodin. A imprensa de todo o mundo referiu-se piedosamente á morte dessa simples, modesta, simpatica creatura, de quem eu nunca em vida ouvira falar e que foi, durante largos anos, a companheira do maior escultor actual da França.

Era, dizem, quasi analfabeta, mas dotada dum solido bom senso, soube ser, primeiro como amante e depois como esposa, uma exemplar e dignissima amiga do grande homem a quem o destino a ligou. A gloria do admiravel artista não a envaidecera, nem a a felicidade que possuia a deslumbrára nunca. Fôra modelo de Rodin; fôra bela; amára, na mocidade, o escultor. Ficou junto dele sempre—ignorante, timida, dedicada, inteligente. Soube tornar-se necessaria; soube, na humilde ternura do seu carinho, tornar-se querida. Podia, como tantas outras mulheres são

— ser, na vida daquele homem, um estorvo ou uma tempestade. Teve a virtude maxima de o evitar. Foi-lhe fiel; seguiu-o, como uma sombra bemfazeja, nas horas de luta, nas horas de triunfo, nas horas amargas, como nos momentos felizes. Soube ser o rasto carinhoso daquela existencia de arte e de orgulho. Deu-lhe a sua juventude, os seus cuidados, a sua velhice — e nada pediu em troca. Raramente aparecia em publico, junto do escultor. Fugia dos salões e *ateliers*. Perto de uma grande gloria, soube ser uma grande modestia. Eis a sua biografia.

A historia costuma exaltar as grandes amorosas, cuja vida foi uma chama de exterminio e de paixão. Foram essas, no mundo, as que amaram mais? Talvez — mas não foram, decerto, as que amaram melhor. Madame Rodin foi egualmente uma amorosa — mas teve a coragem bemdita de amar com abnegação e humildade. Fez do seu amor, não uma estrada de extasis e suplicios, de de recriminações e volupias, de lagrimas e loucuras — mas um tapete florido, doce, tranquilo, que estendeu, durante toda uma vida, aos pés do seu amado.

Nem só os amores desditosos são sublimes. Nem só, na frase de Faguet, os grandes amores são raros, como o genio. Ha tal

vez um amor mais nobre e maior: é aquele que soube tecer na sua felicidade a felicidade alheia. Porque haverá menos coragem ou menos grandeza nesse sacrificio de todas as horas que uma alma faz, contente, a outra alma? A felicidade tem a sua poesia, como a dôr — e os corações que souberam crear, na propria ventura, a ventura d'outrem porque hão de ser menos belos do que os outros que, na propria tempestade, só conseguiram, em torno de si, crear a tempestade?

Quantas vezes, durante a vida, madame Rodin não sentiria o orgulho de ser madame Rodin? Quantas vezes o seu instinto de mulher não lhe teria segredado a violencia do ciume ou a tentação do esplendor? Mas a amorosa soube apagar em si esse fogo de exaltação. Soube esconder os seus passos, sumir-se, calar-se. Não cuidou do amor que recebia: consagrou-se apenas ao amor que dava. Fez da sua ternura uma doce e voluntaria servidão — e assim poupou ao genio do seu maior amigo os sobresaltos e as tiranias que consomem e envilecem. Foi formosa e foi util. A ventura de amar um homem como Rodin era bastante para a compensar das duvidas e dos frenesis do amor. E assim o grande homem, que ela, a pobre e linda ignorante, amou até á velhice, poude,

na tranquilidade que o seu idilio silenciosamente lhe preparava, edificar a grande obra que é uma das glorias do moderno patrimonio artistico francez.

Curvo-me, comovidamente, deante da simpatica memoria desta excelente burgueza — que foi uma grande e exemplar amorosa. Saúdo nela todas as doces, ignoradas bondades de que é feita a anonima e excelsa virtude do amôr feminino, maravilhosa flôr de silencio e de renuncia que Deus mandou ao mundo para nos fazer esquecer as rubras flôres de tédio e de amargura que a paixão semeia na vida...

Arriaga

Conheci mal, muito vagamente, o homem de bem que ha pouco desceu á sepultura. Mas conservo dele uma recordação que dificilmente se apagará no meu espirito.

Foi ha alguns mezes. Um motivo pessoal de delicadeza e agradecimento levou-me á pequenina casa das Janelas Verdes, em que o antigo presidente da Republica vivia. Estou a vêr a saleta grave, com as paredes cobertas de quadros, lembrança quasi todos da sua efemera magistratura de Belem, os estofos modestos da mobilia — e a clara e tranquila nesga de rio e ceu, luzindo através das janelas mal cerradas. Arriaga pouco tardou. Daí a momentos vi-o entrar, arrastando-se, encostado a uma grande bengala, hesitante, quasi amparado tambem aos moveis. Vira-o, de perto, na minha vida, seis ou sete vezes, ao todo; falára-lhe tres ou quatro. Mas, mesmo assim, tive uma dolorosissima surpreza, ao estender-lhe a mão.

O velho, de admiravel cabeleira de tri-

buno, de porte aristocratico e olhar romantico, que fôra outr'ora um dos mais lindos rapazes do seu tempo, transformára-se, em meia duzia de mezes, num velhinho curvado e triste. Ajudei-o a sentar-se numa poltrona perto da minha. Falou-me das suas doenças, aludiu díscretamente aos seus desgostos. Trocámos os primeiros cumprimentos e, em poucas palavras cerimoniosas, satisfiz o fim da minha visita. A conversa esmoreceu, banal. Falei-lhe dum dos quadros, que estava na minha frente e que reconheci. Arriaga animou-se, contou-me os unicos prazeres do seu exilio — as suas flôres, as suas télas, os seus poetas. Os seus olhos de sonhador brilharam, as suas mãos palidas tremeram.

Eu olhava aquele velho e evocava, no vencido e desiludido daquela hora, o idealista politico doutros tempos. Sem querer, lembrava a mim proprio uma crónica que escrevera para um jornal do Brazil, quando o homem que ali estava, aniquilado, junto de mim, fôra eleito presidente da Republica. Previra sem dificuldade nesse artigo, escrito no dia em que as aclamações revolucionarias coroavam o triunfo do «amigo do povo», o desenlace da sua vida politica; previra que o romantico depressa se deixaria enredar no turbilhão das intrigas partidarias e que só

por uma porta — a da renuncia — regressaria em breve à sua metafisica simplista e ao seu lar de pobreza o chefe republicano que subia ao poder, com um passado respeitavel de cincoenta anos de ilusões e de honradez.

Naquela tarde, sentado nessa saletasita que um raio de sol aquecia, contei ao pobre velho as minhas faceis previsões. A politica não fôra feita para os idealistas e para os poetas, como ele — acrescentei. Arriaga escutou-me em silencio, forçando um sorriso de comprazimento. Uma nevoa de lagrimas velou-lhe o olhar. E, como falando para si, desenhando com a bengala no tapete pequenos traços tremulos, disse-me, com uma ironia em que procurou pôr altivez, mas em que apenas havia o fel de uma magua intraduzivel:

— Sou um criminoso politico, meu amigo.

Sorriu, calou-se. Senti uma piedade profunda pelos erros, pelos devaneios, pelas dôres daquele espirito sucumbido. Quiz consolal-o — e, parà o fazer, lembrei-me de lisongear o sentimento de popularidade e de justiça, que eu sabia ser a nota mais viva da sua velha alma de tribuno.

— O povo, que o estimou, continùa, a despeito de tudo, a amal-o — disse-lhe eu. — Esteja certo disso. Ainda ha pouco, num tea-

tro, o publico, ao vêl-o caricaturado em cena, aliás sem o menor intuito desprimoroso, se levantou, numa manifestação de protesto e simpatia ao seu nome.

Ouvindo as minhas palavras, Arriaga ergueu-se, amparado á cadeira. Ficámos ambos de pé. Vi-o cambalear, segurar-se melhor, resistir a uma emoção profunda — e, de repente, sem querer, sem poder conter-se, incapaz de dominar-se, abalado por uma convulsão nervosa irrepremivel, ele, que mal me conhecia, caiu-me nos braços, soluçando alto, chorando como uma criança, e os seus labios só pronunciavam, entrecortadas, duas palavras:

— Eu sei!... Eu sei!...

Saí daquela casa comovido. Expirava o dia. Declinava o sol de verão, sobre colinas e nuvens, na mancha vermelha do poente. Apregoavam-se os primeiros jornaes. Comprei um. Abri-o, ao acaso. Li as primeiras linhas de um artigo. Era uma formidavel objurgatoria contra Arriaga O velho que eu deixára soluçando, era apodado de renegado e traidor.

Fechei o jornal. Nunca, como nessa tarde, a politica me pareceu uma tão cruel e sinistra coisa.

Amor! Amor!

A velha aria do Amor e do Sangue foi, mais uma vez. entoada nos jornaes de Lisboa. Foi um dia sinistro aquele: dois homens mataram as suas amantes por questões de ciumes. Um dos assassinos apodrece já na Morgue; o outro agonisa no hospital.

O Amor é, desde longe, o maior obreiro da Morte. Monstro e Deus, tem feito mais vitimas do que a guerra. Sob as suas azas de ouro, cria-se a vida e abre-se o tumulo, floresce a volupia e o desespero. Na sua alma, em que cantam madrugadas eternas e soluçam impereciveis dôres, esconde-se um berço e um sepulcro. Anjo e demonio, o seu vôo sagrado acórda a voz dos ninhos e o clarão das tempestades. Amor! Amor! Velho Deus-menino, Deus das bençãos e das maldições!

E, todavia, na sua juventude florida, o o Amôr foi um hino de primavera e graça. Passava na terra, louro, jocundo, rosado, fresco. A sua nudez olimpica brincava por

entre as sombras, sobre as relvas claras, á borda dos lagos tranquilos e das doces fontes. Já então, por vezes, as suas setas, sibilando no ar perfumado, se iam cravar, abrindo feridas mortaes, no peito dos homens ignorantes. Eros ria e já então brincava ás mortes, afogando beijos e soluços, vagidos e lagrimas, nas suas mãosinhas papudas e crueis. Mas no cristal do seu riso de criança, mesmo semeando o odio, havia virgindade e prazer, inocencia e sol!

O Amor envelheceu, como todos os Deuses envelhecem, e os poetas e os artistas corromperam a sua velhice. Desvendaram-lhe os olhos, que eram divinamente cegos — e habituaram-no ao vicio e á tristeza. A sua boca perdeu o aroma e a claridade do sonho. Em vez da gargalhada sonora da infancia — quando era ainda casto e belo — nos seus labios pousou o ritus da curiosidade e do mal. Os homens ensinaram-lhe a perversidade; vestiram-no de luxuria; disfarçaram-no em duvidas e em temores, em preconceitos e em melancolías. Fizeram do Deus moço e pagão, do diabrete estouvado de outros tempos, um Deus velho e hipocrita, um Demonio decrepito e sombrío. Pobre humanidade, vitima de si propria! No dia em que o Amor deixou de ser alegre, a vida passou a ser rude e triste.

Lá jazem hoje nas prateleiras da Morgue mais tres vitimas tuas, velho e torpe Amor! A estas horas, os teus olhos sinistros contemplam, agoirentos e insaciaveis, as tres mocidades mortas—que tu mataste! Amor, fonte de vida, fomos nós, a cantar-te, que fizemos de ti o misero Espetro da Morte e da Infamia, que tu és!

Sousa Lopes

Lisboa ainda não está em si. O caso singular deste portuguez de pouco mais de trinta anos, ainda ha pouco desconhecido e que, de repente, dum dia para o outro, pintor, agua-fortista, escultor, baritono, não sei tambem se poeta, a deslumbra, a maravilha e a conquista; o caso singular deste homem forte, sadio, que surge, em plena mocidade, um mestre na expressão, na côr, no ritmo — o excecional acontecimento desta notoriedade fulminante, fecunda, dispersiva, multiforme, traz positivamente Lisboa seduzida e surpreendida.

Ha semanas, Lisboa (pode dizer-se), ignorava o nome deste artista prestigioso, em que só vagamente ouvira falar: — hoje Sousa Lopes é uma das suas celebridades. Lisboa não está habituada a estes exitos empolgantes. A sua curiosidade rotineira sente-se abalada, sacudida, agitada por este estremecimento vigoroso que, de chofre, se instala na Sociedade Nacional de Belas Artes com mais

de duzentos quadros, perto de cem dezenhos e aguas fortes, esculturas, retratos, paizagens, manchas, figuras, sombras, bustos — e, depois de lhe ter pintado as manhãs de Veneza, os poentes de Florença, os outonos de Versailles, as ruas de Sevilha, o mar da Nazaré, as rendeiras de Bruges, o sol da Estremadura, a vila Borghese e a Mouraria; depois de lhe ter desenhado em sombra um riso de Bacante e lhe ter esculpido o retrato de Luciano Freire, lhe canta; ao piano, romanzas de opera, lhe anuncia que parte para o *front*—e, fresco, rosado, risonho, triunfa e explende, sem ter, na realidade, o ar de prestar grande atenção a isso.

Sousa Lopes chega-nos depois de quinze anos de estudiosa aprendizagem de museus e de *ateliers*—com a desembaraçada naturalidade de quem regressa dum passeio a Cintra. Entrando na rua Barata Salgueiro, mandou a Lisboa, como cartão de visita, a sua admiravel exposição de quasi trezentos trabalhos. Poderia, reservado, prudente, timido, ter, dentre essas centenas d'obras, feito a seleção das duas ou tres dezenas de coisas indiscutiveis e poderosas que a sua bagagem encerra—e guardar para si ou para uma outra exibição complementar e documentaria da sua evolução artistica, o resto que é fra-

gmentario e disperso, embora vivo e vibrante sempre. Não quiz. Preferiu dizer-nos tudo — o que foi e o que é. Preferiu, com uma soberba confiança em si, pôr-nos deante dos olhos, numa prodigalidade excecional de talento, toda a intimidade do seu passado, todo o segredo do seu esforço, a confissão inteira do seu espirito. Assim, a revelação deste nobre pintor, se perdeu talvez em sobriedade e em harmonia, ganhou em pitoresco, em emotivídade — sobretudo em sinceridade. E a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes ficou sendo, pela exemplar audacia deste forte, mais do que uma adoravel lição de encantamento e de arte, a historia sugestiva duma sensibilidade e a rara biografia dum temperamento.

E' dificil, tal a multiplicidade, a variedade de aspectos, a policromia dos motivos, a desconcertante profusão de tintas e de tecnica, analisar, no pormenor de cada téla, a obra deste impressionista pagão. Duas, tres visitas á sala de Barata Salgueiro chegam apenas para uma visão colorida do conjunto. E desse efeito, geral e intenso, o que nos fica bailando na vista, alagando a alma, dominando o espirito, é uma sinfonia e um poema maravilhoso de luz.

Para Sousa Lopes, a luz não é apenas uma

alma: é um corpo. O seu pincel de pintor corporisa-a, materialisa-a, humanisa-a quasi. Nos seus quadros, a luz floresce, como um jardim; perfuma e noiva, como um idilio; palpita, canta, reza, morre, renasce, ri e chora. Pintando aguas, campos, varandas, montanhas, rostos ou sombras—é a historia da boa Fada Luz que ele nos pinta e narra. Tudo o resto, é pretexto, acessorio, anedota ou episodio. A luz é carne, divindade—e, em certos quadros, dir-se-ia som.

Desde esse amanhecer da casa alemtejana da lavadeira, desde as *macieiras*, em que a claridade se filtra na renda caprichosa das folhas e dos ramos, desde as manhãs e as noites de Veneza, desde esse extranho areial de uma praia belga até á canção branca, verde, joven, da *Primavera*, em que uma deliciosa figura de rapariga parece um sorriso de rosa transformado em roupas e em côr; desde os crepusculos de Bruges, e a festa, o ruido do *Cirio* até á rosea, arripiada, sensual nudez dos seus estudos de ar livre que tem os n.os 24 e 36 do catalogo—a luz é nevoa, flôr, paizagem, cambraia, sonho, hino, mocidade, misterio, zumbido!

E é o contacto dos labios sagrados dessa Amante luminosa e ideal que a gente traz comsigo, como um beijo, ao regressar da ex-

posição deste magnifico evocador de atmosferas e epidermes, para quem a luz é sempre um mistico pomar de volupías e um eterno e doce jardim nupcial.

A exposição dos consagrados

A exposição inaugurada nas salas da Sociedade de Belas Artes é uma das mais lindas afirmações de espirito nacional que se teem produzido nos ultimos tempos, entre nós. Columbano, Malhôa, Sousa Pinto, Gameiro, Alves Cardoso, Constantino Fernandes expõem ao lado de Teixeira Lopes, Costa Mota e Francisco Santos. Mas não é apenas a seleção magnifica dos grandes nomes e das obras expostas que dá á exposição a sua eminente significação nacional: é o adoravel caracter portuguez que esse certamen na sua maioria revela. Nas télas admiraveis de Malhôa, de Sousa Pinto, de Gameiro, de João Vaz, de Alves Cardoso canta, explende, vibra um sentimento amoroso de Portugal que é um dos mais belos ensinamentos de luz e de ternura que esses evocadores da natureza nos dão. «O homem só vale quando é um produto da sua terra», na expressão perfeita que é saudavel prazer de espirito recordar ao saír da esplendida festa de côr e de luz

que atualmente se encerra no feíssimo edificio da rua Barata Salgueiro. Não é apenas pintura portugueza — é pintura de Portugal o que enche, na sua quasi totalidade, as paredes da exposição. E nem a sombra divina do genio de Columbano esmorece essa opulenta impressão de aguas e ceus que nos fica colada aos olhos e que transformou agora o desabrigado casarão da Sociedade de Belas Artes num doce e ridente jardim portuguez.

Nesse jardim, tocado da graça da beira mar e do aroma dos claros horisontes, a visão gloriosa do eminente pintor do *Santo Antonio de Lisboa* e do retrato de Bulhão Pato marca uma mancha admiravel de museu. Columbano é um creador d'almas, mais do que de fórmas. A sua pintura psiquica, tão forte e sugestiva, dá á sua obra d'hoje a «patine» da imortalidade e é o documento raro dum temperamento privilegiado e religioso d'asceta da Penumbra e do Silencio. Da sua já vasta galeria ha na exposição, além dum desenho a lapis, dozenove télas, entre as quaes a resurreição maravilhosa do retrato de sua irmã, D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro e a obra prima do retrato de João Rosa. Como expressão da sua arte tão individual, destaco ainda, para a minha devoção, retrato, que é um primor de composição e

interpretação, de D. M. J. B. M., que tem o n.º 34 do catalogo e as maravilhas d'alguns dos seus exemplares de «natureza morta», que a pessoalissima visão e sentimento das coisas desse grande mestre holandez da pintura portugueza impregnam de intimidade e de emoção.

Do claro escuro da galeria columbiana, a vista abre-se, como através duma larga janela, bordada de trepadeiras e de madresilvas, sobre o roseiral das vinte e uma télas de Malhôa. Rosas purpura, rosas chá, rosas de primavera e rosas de outono, rosas de todas as côres, de todos os perfumes, rosas dos valados e rosas d'alvorada — todas noivam e perfumam nesse canteiro florido em que dir-se-ia que azas de borboletas e zumbidos d'abelhas doiram o ar. Na grande parede, sobre o fundo carmezim, os quadros já celebres de *Volta da romaria* e *A Procissão* erguem um grande cantico de sol á beleza, á claridade, á graça de Portugal. O estio alaga de calor, de poeira, de som as estradas brancas. O ebrio regressa do arraial, contornando, aos bordos, o caminho. Atraz dele, a planicie ardendo no brazido do meio dia; sobre ele, o ceu transparente, esbranquiçado, como um fumo azul, para onde sobe, da terra queimada, um halito sêco de restolho e de herva brava.

Ou então, na curva esplendida da outra estrada, é a procissão que se avista desembocando na aldeia, com os mordomos e as beatas á frente, o palio e o Cristo, as opas e a charanga. Sente-se o estralejar dos foguetes, a alegria de viver e o clamor dos metaes. O aroma de rosmaninho e murta mistura-se á pequenina nuvem de incenso. O ar agita, como uma flamula, o grito das almas e da festa. Como aquilo, meu Deus!, é sol e é povo, é terra e é raça!

Mas eis que a vista encantada poisa agora, entre as duas télas conhecidas, num grande macisso de côr, de verdura, de glicinias que canta e ri como uma primavera. E' a *Varanda dos Rouxinoes*, quadro admiravel, que lembra o pincel dum Besnard portuguez e onde parece florir a voz dos ninhos e a graça das manhãs — obra prima absoluta que honra a arte dum paiz e a perpetua juventude desse admiravel Poeta Enamorado da Luz que é Malhôa. Desde o pequeno grupo rosado das raparigas, aos grandes cachos de flôres, ao rosto do rapaz que espreita, ao pequenino canto de laranjal, que se entrevê da porta, ao fundo — a aleluia das tintas inunda, alaga a sala. Ecloga e hino, idilio e canção, esse quadro é uma das mais belas apoteóses da côr que tem feito ajoelhar meus olhos embevecidos!

E a impressão que nos ofusca é tão viva que só minutos depois do extase é que o visitante acórda para contemplar, ao lado, o formosissimo trecho *Ao forno*, que pertence ao sr. Baltazar Cabral, e que é um encanto de composição, de frescura, de sinceridade. *Ámanhã os arranjarei!...*, é outra grande téla, premiada na exposição de Barcelona, em que o processo, a emotividade, tão impregnada do nosso sol, do glorioso pintor de *Os bebedos* se afirmam numa nova maravilha de inspiração.

O sentimento musical da côr é a qualidade deslumbrante de Malhôa. Dir-se-ia, nas suas mãos divinas, que as tintas teem vôo e som. Os seus pequenos quadros, como a *Pereira em flôr*, *Rochedos* e o *Outono* são melodias deliciosas, em que vozes de ninhos, murmurios do mar e caricias de briza chilreiam, palpitam e beijam.

Sousa Pinto honra na exposição o seu grande e consagrado nome. *Le Retour des Bateaux* é uma obra prima, ia mesmo dizer, a sua obra prima. Sobre a areia, num canto da praia, uma velha e uma ragariga loira, batidas pelo vento, prescrutam o segredo das ondas. Tudo é excelente, nessa pintura — desde a atmosfera, tratada com a transparencia de um mestre, até aos menores to-

ques, á expressão do rosto e do corpo das figuras. A pequenita loira crestada pelo ar, a pele da mulher queimada pelas soalheiras e pela edade, as atitudes, as roupas, a carne, são de uma riqueza de tons e de pormenorisação inexcediveis.

La Culotte dechirée é uma antiga obra do artista, de um carinhoso naturalismo — e em *L'Egarée* a impressão luminosa da distancia é dada como um soberbo e delicado poder de verdade. Os *pasteis*, em numero de quatorze, acusam a ultima maneira de Sousa Pinto, de uma tão bela, sugestiva, colorida sensibilidade. Ninguem melhor do que este magnifico interprete das tardes de Portugal nos sabe dar a roxa emoção da luz coada pelas folhagens, o arripio volutuoso da terra, a graça elegiaca de um campo. Mas porque será que este grande pintor, que apenas ha tres ou quatro anos nasceu para Portugal, com o milagre de um tão forte sentimento nacional, abusa ainda tão desagradavelmente dos titulos francezes — sobretudo tratando-se de obras tão entranhadamente *nossas*, como o citado *Retour des Bateaux*, por exemplo?

Sousa Pinto dá na exposição o braço a João Vaz, que nos proporciona o ensejo de admirar uma série encantadora de marinhas. A vista espraia-se na serenidade alacre das

aguas e da espuma. A *Partida dos barcos*, a *Tarde d'outono*, a *Praia d'Alportuxe*, *Sagres*, *Esperando a maré* são télas de uma real beleza. *Mar alto* é, porém, neste certamen, o quadro impressionante do pintor. Apenas a superficie intermina e clara do Oceano: ondas que refulgem, se alongam, avançam, se acastelam e perdem no espaço. Nem uma vela florindo sobre as vagas. Só Deus habita o horisonte que a cupula do ceu azula. Mas a sugestão de vida e movimento, de profundidade e solidão é surpreendente. Este quadro tem de colocar-se num dos logares de honra da exposição.

De Constantino Fernandes, pouco: a conhecida *Melancolia*, um *Interior*, desenhado com requintes de tecnica, e uma bonita *Cabeça de estudo*.

Agora é Roque Gameiro. O talento sempre progressivo do grande aguarelista realisa maravilhas de frescura e claridade. O *Largo do Chafariz de Dentro*, a *Entrada de Obidos* são trechos de inexcediveis delicadezas de miniaturista. A *Rampa sul* (Ericeira), *Uma quelha em S. Pedro do Sul* são modelos de graça, de melodia, de tons e colorido. E nessa pequenina reconstituição d'*Um sarau no Rio de Janeiro*, que admiravel bonhomia, que perfeição de desenho!

Ao voltar á outra sala, a grande sinfonia côr de rosa do *Retrato de mademoiselle Camara Rodrigues* seduz-me, como já me seduzira na exposição do ano passado e assinala evidentemente, junto da luz verde-dourada do *Rindo*, o triunfo definitivo da mocidade de Alves Cardoso.

A caşa de Camilo

Foi num dia lindo de setembro que visitei Seide, na companhia do sr. José de Azevedo Menezes, escritor e erudito dos mais distintos deste paiz e ilustre presidente da Comissão Camiliana de Famalicão. O meu respeitavel amigo e parente puzera ao meu dispôr um automovel que em vinte e cinco minutos transpõe, sem pressa, a distancia que sepára a nobre residencia do Vinhal da infortunada casa de Camilo. Pleno Minho, verdejante e claro. Dum lado e d'outro da estrada, festões de vides, floridas de cachos maduros, enroscam-se nas carvalheiras cobertas de poeira e de sol. O percurso é mau, como o da maioria das estradas de Portugal — mas o doce vergel minhoto, enfestado de brenhas e de bouças, sorri na ternura fecunda do estio. O automovel toma por um caminho d'aldeia, entre carumas e casas pobres; detem-se um momento, num desvío dum portal, sob uma ramada alta, para dar passagem a um carro de bois que sobe, chian-

do, da labuta dos campos; continúa, saltando sobre os pedregulhos e as covas do atalho e, de subito, numa volta, entra numa especie de terreiro ou largo solitario e estaca junto dum portão envelhecido e triste. E' S. Miguel de Seide. O meu amavel companheiro mostra-me, atrás do portão entreaberto, uma parede enegrecida e esburacada pela devastação dum incendio. Apeio-me, comovido; olho longamente as ruinas humildes, erguidas como uma tragica e sacrilega imprecação, na claridade sem mancha da paisagem. E' o que resta da casa de Camilo. Os meus olhos fixam as ruinas, onde ainda se desenham o perfil chamuscado das janelas, das hombreiras das portas, as escadas de pedra enodoadas pelo sofrimento e pelo tempo, e o boqueirão quadrado, formidavel, sombrío, que o telhado, aluído pelas chamas, deixou, voltado para o ceu.

Dessa boca, dolorosa e enorme, comida pelo fogo, dir-se-ia que sae um grito rouco de angustia e um halito de desgraça. E' um esqueleto, aquilo — mas contorce-se, soluça, blasfema, como um uivo de desespero, na ecloga tranquila e terna do horisonte. Desmantelado ninho da fatalidade, que abrigou o genio da maior desventura portugueza do seu tempo, dilacerado, queimado, quasi in-

forme, a sua agonia enluta e enche o espaço. Contemplo aquela mancha, roída pelo fogo — e oiço, oiço claramente, no ar diafano e azul, a voz de dôr que dela se eleva; sinto-a atravessar os montes e alagar os prados, como um éco de tempestade; sufocar o noivar dos ninhos e inundar as veigas e os pinheiraes; rolar na imensidade indiferente da Natureza; abafar, como um grito enorme de loucura, a paz virgiliana dos casaes e das cearas — estrebuxar, sofrer, gritar o seu agoiro e a sua miseria! Descubro-me, instintivamente; amarrado ao chão, áquele chão sagrado e amargo, não posso desprender os olhos do templo derruido e doloroso.

Uma palavra corta o meu torpor e a minha devoção. Ao meu lado está uma neta de Camilo. E' Rachel, filha de D. Ana Correia. A dois passos, conversando com o meu companheiro, um rapaz magro, anguloso, modesto. E' Nuno, outro neto do romancista. Moram ambos com sua mãe na casa fronteira, que Silva Pinto começou a construir, ao lado da habitação do Mestre e que, depois, Ana Placido concluiu. Prevenidos da nossa visita, esperavam-nos. Viram o automovel e desceram ao nosso encontro. Estendo a mão aos descendentes de Camilo, examino-os com curiosidade. Não é dificil lêr-lhes no olhar e

nas faces o estigma de infortunio, que foi a sua herança.

Atravessámos então o portão e entrámos juntos no quintal da casa de S. Miguel de Seide. A' nossa esquerda, ergue-se logo a pequena e celebre memoria comemorativa da visita de Castilho e Tomaz Ribeiro á tebaida do escritor. Nem essa pobre coluna foi poupada pelas injurias da adversidade. A furia e o vandalismo dos garotos apedrejaram-na, mutilaram-na. Ana Correia mandou-a restaurar, mas as cicatrizes ficaram, rasgadas e visiveis, na pedra. Mais meia duzia de passos — e estamos em frente das ruinas da morada do grande escritor do *Amor de Perdição*. Uma arvore esbraceja, esguia e melancólica. E' a acácia do Jorge. Percorro com a vista o logar santo. José de Azevedo Menezes e Rachel vão guiando a minha devoção.

Além, era o quarto de Camilo; naquela janela, do outro lado, voltada para a estrada, o seu gabinete de trabalho. Foi ali que, ha vinte e seis anos, numa tarde de junho, quente e doce como esta, o romancista apontou um revólver á cabeca — e se matou. Aquela terra que eu piso, pisou-a ele, outrora; deante desta paisagem, em que sorri a graça dos jardins, esmoreceu e apagou-se a luz da sua vista, de infortunio em infortu-

nio e de sombra em sombra! Subo uns degraus — olho o scenario admiravel, iluminado pelo sol de setembro. Além, é Pranzins; acolá Landim, Ninães, a montanha de Monte Cordova. Todos estes nomes evocam a obra e a gloria do Morto — são almas que se fundem na recordação imortal da sua alma.

E, nesse momento, parece-me que as velhas paredes desabrigadas se unem, tomam fórma, revestem o seu antigo aspecto e a sua antiga vida. Vejo Camilo em cima, junto á mesa em que escrevia; descubro sobre a sua cabeça o longo *bonet* de pala que lhe resguarda os olhos. O modesto aposento anima-se da sua existencia familiar. Sobre a larga mesa, a jarra que esteve em Africa na sepultura de Vieira de Castro; aos lados, os bustos de Herculano, Pascal e Racine que Camilo tinha no seu gabinete; perto da sua mão palida e tremula, o tinteiro, a caneta, a caixa do rapé. Vejo a poltrona, onde ele se sentava; o divan, que teve depois, durante horas, o seu cadaver. E, como uma sombra que passa, através de uma vidraça, no outro extremo da casa, parece-me vêr o vulto pesado, sofredor, silencioso, de Ana Placido — que recorda e chora.

A realidade desfaz as nevoas da minha imaginação. O fantasma das ruinas ergue-se,

ante mim,—implacavel e tragico. Deus do ceu, Deus das infinitas amarguras, Deus das lagrimas e do perdão! A casa de S. Miguel de Seide, sepultura viva de dois grandes desgraçados, expía ainda o destino tremendo da dôr sem nome—longa noite sem alvorecer!—que abrigou. Oiço, de novo, a voz fatigante que se ergue das paredes desmoronadas e do silencio das coisas. E' a mesma voz de ha pouco, imprecando e soluçando; é a mesma voz que pragueja e implora; é a mesma voz de sombra, estrangulada e rouca! E' a voz da desgraça, presa, aguilhoada áquela morada do genio. Tenho de fugir d'ali, preciso de fugir d'ali—daquele espetro de casa em que resôa, eterna, uma alma de castigo e de fatalidade!

... O automovel vôa, na estrada clara, ao lado de vinhedos ternos e arvores em que ruflam azas. E' a georgica, emotiva e doce, do Minho que volta. E só então compreendo bem o sonho encantador do meu amigo José de Azevedo Menezes e dos seus devotos companheiros camilianistas de Famalicão que vão, piedosamente, reconstruir em breve, e reconstituir a casa do romancista, para lá instalar, junto do Museu, com tudo o que resta das recordações do mestre, uma escola de primeiras letras. Sim! Que o esvozear das

creanças, despertar inquieto de madrugadas, inunde como uma chama de sol, aquela morada de expiação! Talvez — quem sabe? — a voz da Inocencia e da Alegria consiga abafar a voz da Desgraça e da Dôr e resgatar, no sonho e na candura, o longo pezadelo daquelas paredes malditas!

«Alba Plena»

O novo livro de Augusto Gil não é apenas um extraordinario livro de versos — é um grande livro de poesia. Acabo de o lêr, ou, melhor acabo de o rezar n'um dulcissimo enlevo. Rimas em que noivam aromas brancos de flôres, em que ruflam azas de ninhos, em que gorgeiam murmurios de fontes, em que estremecem fios de luz, n'elas palpita o extase, o sonho, o canto d'uma ave.

Tive a sensação rara e indefinivel de escutar na palavra humana as coisas simples e eternas com que Deus matisou a voz dos poentes e a graça das madrugadas. Como a curva d'um vôo de andorinha na limpidez d'um céu azul, a musa do grande poeta deixou na minha alma um rastro de candura e de infinito. E' preciso reler a *Vida de Jesus*, de Gomes Leal, é preciso subir até á alma imortal de João de Deus, para encontrar na nossa literatura uma tão doce, cristalina, espontanea inspiração de pureza e de amôr.

Alba Plena, que, na preciosa edição d'*A*

Atlantida, o lapis de Raul Lino ilustra com algumas vinhetas encantadoras, é a historia de Nossa Senhora contada «em verso brando e cuidado».

> *É como o suco de flôr*
> *Que entrou n'um favo doirado*
> *E se tornou doce mel...*

Augusto Gil canta o misterio, a prece, a ternura, e a dôr da Virgem. O seu poema é um grande hino de devoção e carinho á mulher, de que Nossa Senhora é, mais do que o simbolo religioso, o simbolo humano da maternidade e do sacrificio. Porque é um livro singelo, como uma oração, n'ele vibra e estremece, na sua mais delicada essencia, a espiritualidade feminina. *Alba Plena* é um livro de ideal amoroso que só um portuguez poderia sentir — e que na poesia portugueza tem de ficar como uma das suas obras primas de purissima emoção lirica.

A grande gloria do poeta do *Luar de Janeiro* e da *Sombra de Fumo* é ter conseguido reatar, no baudelairianismo artificial da sua geração e mercê do seu temperamento contemplativo e d'um sentimento muito intimo da natureza, a tradição do lirismo nacional. A sua voz é limpida e é «nossa». Nasce nos

vales, entre as boninas, no cristal das fontes, nas sombras e nos céus da bemdita terra portuguesa. Na sua inspiração canta a graça das romarias, a doçura das novenas, o marulhar dos crepusculos, a claridade religiosa e divina das paisagens, que o sol, nos prados, empoalha de oiro e o luar tece, nas cidades, de misterio.

Augusto Gil tem o sentimento natural e não o sentimento literario do povo. E mostra-o mais uma vez n'este livro de lenda e preces. A Virgem Maria foi, desde todos os tempos cristãos, a grande musa popular — porque ela é, em todas as religiões, a mais dôce e bela divinisação da mulher. Augusto Gil, irmão dos simples, tinha de erguer, como eles, a sua ermida á Mãe de Deus e dos Homens. *Alba Plena* é essa ermida, cercada de madresilvas e de giestas, no alto iluminado d'um monte, entre brancos caminhos e azinhagas floridas.

Milagre admiravel e singular o dos Poetas! No meu gabinete de trabalho, pezado de sombras de livros e de magoas, entrou, com o seu aroma rescendente de altar do campo, este poema de unção e de ternura, como um claro feixe de luz. Li-o, d'alma ajoelhada — e tive, ao lêl-o, a impressão de vêr abrir-se, de subito, deante dos meus

olhos extaticos, uma janela de melodiosa e infinda paz — tal como se visse entrar pelo quarto, presa a um raio de luar, a voz d'um rouxinol.

Alberto d'Oliveira

Tive ha dias o prazer de encontrar em Lisboa o prosador admiravel das *Palavras Loucas*.

Alberto d'Oliveira, que os acidentes e vicissitudes da carreira diplomatica teem afastado, ha largos anos, de Portugal, é atualmente o nosso consul no Rio de Janeiro. A Arcada e o Martinho não o conhecem. Eu proprio mal o conheço. Falei-lhe duas ou tres vezes na minha vida. Trocámos duas cartas. Se raras vezes o vejo, raras vezes tambem o leio. Alberto d'Oliveira é, pessoal e artisticamente, para mim, como é hoje para Portugal, — uma pessoa de ceremonia que se dificulta. Ao encontro simpatico que ha dias tivemos no Chiado, vem agora juntar-se o encanto dum delicioso, vago, rapido encontro literario nas colunas da *Atlantida*. Quero registar estes dois factos excepcionaes com sincero prazer.

Alberto d'Oliveira pertence, com Eugenio de Castro, a uma raça especial de homens de

letras que o torvelinho e a agitação de momentos, como os que atualmente atravessamos, apagam momentaneamente. São vozes claras, limpidas, que o barulho assusta; são sensibilidades delicadas e subtis que a confusão afasta; são espiritos de ordem, de serenidade, que o espetaculo das paixões magôa. Eles proprios se desviam — para que o tropel passe. E o tropel passa — sem os vêr. Só de longe em longe alguem fala no poeta d'*Os Oaristos;* só raramente, em letra redonda, a peor de todas as letras, alguem lembra o prosador d'*Os Pombos Correios*. Esquecidos? Não. Apenas isolados. E nesse soberbo isolamento, vivendo a vida afetiva, magnifica e doce da Beleza.

Ha, em verdade, muitos escritores em Portugal, que se lêem com comoção, com gosto ou com interesse. Ha poucos escritores com quem se possa, espiritualmente, conviver. Mais do que a sua leitura, o seu convivio é discreto, amavel, culto. Ha quinze ou dezeseis anos li as *Palavras Loucas* e ainda hoje conservo das suas paginas, equilibradas e sugestivas, a impressão com que se lembra uma hora de calma intimidade, junto de uma janela que as glicinias perfumam e o aroma duma voz, musical e distante, embala e acaricía.

Ha, na linguagem, como nas ideias, uma aristocracia de epiderme que só os grosseiros não conhecem e os mediocres não apereciam. Alberto d'Oliveira é um desses primorosos creadores de elegancia. Conhece o segredo de dar delicadeza e bom gosto ás sensações mais futeis, o encanto de dizer e a arte estimavel e evocativa de escrever. Não sei definir melhor o muito pessoal e penetrante encanto da sua literatura.

Mas ha, sobretudo, na sua pequena, na sua pequenissima obra, quasi vernacula pela limpidez, subtil sem preciosismo, dextra, rara, feita de meias tintas, um aspecto que não deixarei de encarecer. E' — como direi? — o seu perfeito e nobre pudor artistico. Não ha, nas duas ou, quando muito, tres centenas de paginas de prosa que lhe devemos, uma só a engeitar. Da sua pena nunca saiu uma ideia menos nitida — ou uma expressão menos meditada. O homem de letras prefere á momentanea celebridade esta repousada certeza. O futuro lh'o pagará. Eu pago-lhe já aqui, na pobreza da minha moeda, o tributo da estima intelectual que lhe devo.

A livraria de Fialho

A *Sala Fialho d'Almeida*, constituida pela livraria que o grande panfletario de *Os Gatos* legou à Biblioteca Nacional de Lisboa, vae abrir em breve ao publico.

Emquanto o corpo do prosador maravilhoso da *Cidade do Vício* e de *O Paiz das Uvas* repousa tranquilamente num modesto cemiterio da provincia — o seu espirito, insatisfeito e sereno, fica vivendo ali, naquela casa que a Biblioteca lhe consagrou, as suas horas de solidão e de imortalidade. E' o Templo Fialho d'Almeida. O Fialho fica ali; para todos os que o amaram, morará ali — entre essas estantes onde se alinham, imperturbaveis e vivos, aqueles que foram os companheiros, sempre fieis, das suas horas creadoras e dolorosas, os livros que o seu olhar fatigado, as suas mãos nervosas tocaram, em que a febre da sua fantasia se dessedentou e o seu genio pousou as azas belas e inquietas.

Naqueles milhares de volumes está esparsa a alma contradictoria do Fialho — como

que a caricia ainda, a epiderme do seu espirito. Com muitas dessas paginas, cerradas em encadernações severas, a musa d'*O Paiz das Uvas* e da *Madona do Campo Santo* conversou nas longas vigilias desses serões de Cuba — e quanta vez, meu querido Fialho, sobre algumas dessas folhas o teu orgulho chorou as lagrimas do teu glorioso e impotente desespero de angustia! Pobres livros — pobres amigos e confidentes do grande Principe da Ironia do seu tempo, a quem um dia alguem chamou o *Rei-Sol do Martinho* e que morreu, destronado, no exilio alemtejano, como os reis, ás vezes, morrem...

Mas a livraria dum grande homem não é apenas nm templo votado á saudade e á religião do seu espirito. E' alguma coisa mais, E' um documento desse mesmo espirito. Percorrel-a, folheal-a, tem um interesse, não apenas afetivo, mas tambem critico. Através das suas predileções de leitura, desenha-se um temperamento. «Dize-me o que lês, dir-te-hei o que és.» E a revelação tem mais particular curiosidade quando se refere a alguem que, como Fialho, passou a vida através do sarcasmo e da *blague*, a encobrir-se de si proprio.

Está publicado o catalogo geral da livraria do vagabundo admiravel das *Pasqui-*

nadas. São trezentas paginas compactas — testemunho raro duma enorme cultura intelectual. Oferecem algumas observações curiosas. Na variedade de leitura, surpreende-se logo um dos grandes aspectos do talento de Fialho: a volubilidade. Fialho d'Almeida lia muito — lia tudo. E, na organisação da sua biblioteca, adivinha-se o caprichoso e inconstante voejar da sua curiosidade espiritual, impulsiva e impaciente.

E' interessante vêr a abundancia, a maravilhosa riqueza das suas coleções de moderna literatura espanhola e de filosofia franceza moderna. Perez Galdós, por exemplo, enche quatro paginas de titulos. A profusão do espirito espanhol na sua livraria atesta a sua meridional e ardente paixão pelo sol e pelo sangue de Espanha. Fialho conhecia o norte e o sul espanhoes, quasi como Junqueiro os conhece, e algumas vezes lhe ouvi falar dum livro que escrevia sobre a Galiza, do prados ridentes e aguas claras.

Classicos, poucos. O espirito classico interessava mediocremente esse arqui-moderno creador de prosas e de figuras convulsas. Em compensação, a literatura de ação ocupava-o muito. Ponson du Terrail está largamente representado no seu catologo. São mais de vinte volumes. O *Rocambole* está quasi com-

pleto. Fialho era um imaginativo. A intriga e o conflito povoavam a sua fantasia rebelde.

Detalhe curioso e ultimo. Entre os livros legados pelo escritor, não estão os que a sua inspiração criou. Fialho não possuia os seus livros. Acaso? Não. O artista, em regra, desdenha orgulhosamente a sua obra—que só é «sua» emquanto a dôr a gera e anima. A publicidade é, como no amor, a posse—e, para certas delicadezas doentías, é quasi a prostituição.

Mas, em Fialho, esse desdem exagera-se, como se vê, até ao verdadeiro repudio. E' que Fialho morreu sofrendo a magua da sua insatisfeita obra—que o seu enorme genio desejára, decerto, um blóco imperecivel de bronze, e de que apenas conseguia deixar-nos extranhos e poderosos fragmentos de gesso e marmores admiraveis...

O Velho Natal

Chove. Pela estrada deserta, açoitada pela agua e pelo vento, o Velho caminha sósinho. Das longas barbas brancas, que lhe descem quasi até á cintura, escorrem fios de neve. Um capuz grosseiro cobre-lhe a cabeça encanecida e hirsuta. A geada, o lodo, a humidade, encharcam-lhe o longo capote de burel, que mal o cobre, rasgado pelas urzes e pelos silvados dos caminhos. A mão direita apoia-se, tremula, a um cajado nodoso e sêco, arrancado à lenha de um pinhal, e o hombro esquerdo verga ao peso do ramo verde e frondoso de um pinheiro manso, rescendente ainda da seiva das florestas e dos ninhos. O Velho caminha sempre na noite erma de estrelas, arrastando sobre a lama os pés tropegos e regelados. O vendaval agita-lhe as barbas enormes e os cabelos soltos sob o abrigo do capuz.

O Velho anda sempre. Atravessa montes,

planicies devastadas pela tempestade, pontes, azinhagas, regatos e valados. A jornada inclemente parece não ter fim, como a noite imensa e tenebrosa que o cerca. De subito, os olhos cansados do Velho avistam, no cimo de uma colina, um clarão de luzes. Apressa o passo. A fadiga, a fome, o frio gelam-lhe os ossos. O Velho anceia pelo termo da viagem triste: uma pequenina fogueira que o enxugue, um caldo que o aqueça, uma enxerga que o resguarde.

O Velho sóbe a colina e aproxima-se da claridade que o chama. Por entre as cordas da chuva e atravez dos uivos do vento, distingue, emfim, as janelas iluminadas de um palacio, de onde sae um ruido alegre de vozes. Aproxima-se mais — o seu vulto quasi roça as paredes sumptuosas da casa. Alguem, pelas vidraças das janelas, viu a sua sombra branca por entre as sombras da noite. Um clamor de festa abalou a escuridão. Logo as grandes varandas se descerraram, as portas se abriram de par em par e uma multidão contente e feliz de creanças rosadas, de avós e criados, trazendo lanternas, balões venezianos, guisos e flores, desceu, buliçosa, alvoroçada, ao encontro do Viandante.

— E' o Natal. E' o Natal.

E bébés, loiros e inquietos, cercaram o

Velho, abraçando-o e estendendo as mãositas para os bolsos do capote andrajoso e coberto de neve. Os avós e as mães batiam as palmas em volta das creanças. N'uma longa fila, os criados ofereciam ao Caminheiro bandejas de doces e manjares. Pelas portas abertas, via-se o interior das sala, onde ardia o lume e o ar se embalsamava em perfumes de violetas e fructas.

— E' o Natal. E' o Natal.

Musicas e canções saudavam o Velho exausto pela aspera caminhada. Sobre as mesas ornamentadas com jarras e baixelas, taças de vinhos capitosos exalavam a sua volupia subtil.

— Velho Natal, entra. — disseram-lhe as creanças. Vem brincar comnosco, que somos felizes e alegres.

— Velho Natal, entra. — disseram-lhe os avós e as mulheres. Vem sentar-te á nossa mesa e ceiar comnosco. A terrina fumegante da sopa, o perú, as rabanadas, os vinhos mais caros do mundo, esperam-te. Dar-te-hemos um capote novo para te cobrir, uma lareira para te aquecer, um fôfo leito para descansares até de madrugada. Velho Natal. Os nossos filhos esperam-te, a ti e á tua arvore, humida de geada, que traz os segredos da iluzão...

E o Velho, sem ouvir as palavras que o chamavam, lançou apenas pelas coisas e pelos corações, um olhar amigo e calmo — e continuou.

De novo, mergulhou na noite. De novo, o vendaval lhe açoitou as carnes e lhe encharcou os ossos. A neve voltou a cair-lhe em flocos, sobre o capuz. A mão gelada amparava-se ao cajado. Os pés enterravam-se outra vez na lama e sangravam nos pedregulhos da estrada.

Descia agora. Era novamente a planicie. Dezembro assobiava por entre as folhagens das arvores, na negridão do descampado. O Velho mal podia comsigo. Caminhou uma legua ou mais. E eis que um noivar de sinos veiu alegrar-lhe os passos. O Velho continuou embalado por aquella voz de bronze que repicava a paz e o baptisado. Era uma egreja. A multidão apinhava-se, e, ao descobrir o Velho, prostou-se de joelhos, entoando hinos. Bispos e padres, com tochas acesas e lampadas onde se queimava incenso, enchiam as portas do Templo e abriam alas.

— Natal! Velho Natal! Dentro d'esta egreja esperam-te os fieis e espera-te Deus. Acendemos todos os lumes do altar, tapetamos de flores e murta o chão. Velho Natal, entra!

E o Velho olhou o interior florido da egreja, sorriu ao Menino Jesus, divino e doce, ao colo de sua Mãe e continuou, com o ramo da arvore misteriosa da ilusão, a sua jornada imensa. Atravessou, sobre o largo tronco d'um carvalho secular, um riacho, em que a noite bramia; desceu a um açude, onde espadanavam aguas; atravessou um valė soturno e solitario. A estrada terminava ali. Para deante era um carreiro estreito e triste, esburacado pelo inverno. O Velho meteu ao atalho — e seguiu. Era agora uma aldeia pobre, dormindo sob o sibilar do vento e o chicote da chuva. O velho passou a uma porta, a outra porta estreita e continuou no silencio da noite. Ninguem o via, ninguem ouvia os seus passos solitarios e pesados, chapinhando na lama. E foi então, que, de dentro de um casebre humilde, uma vozita debil e aflicta chorou. O Velho ouviu o soluço, cortando como um fio de neve, a neve da noite. Apurou o ouvido. Era a vozita pobre e doente de uma creança. Pela frincha de um postigo viu as quatro paredes negras de um quarto; a palha da enxerga, onde o pequenito chorava; a mesa sem pão e o lar sem lume.

O Velho viu na escuridão os bracitos magros queimados pela febre e pela fome; o chão sujo pela miseria e pela dôr.

E o Velho Natal entrou, levando ao hombro o ramo verde e frondoso da Arvore da Ilusão. E logo a chuva cessou e o vento emudeceu, e uma estrelinha de oiro tremeluziu no ceu.

Versos d'amor

A sr.ª D. Branca de Gonta Colaço publicou recentemente mais um delicioso livro de versos. Chama-se *Hora da Sesta.* Alguem fazia-me no outro dia notar a singular parecença que — guardadas as largas e originais diferenças de temperamento dos dois autores — esta pequena obra tem com esse encantador *Toi et Moi*, do poeta adoravel que é Paul de Géraldy.

São versos d'amor os dois livros. Géraldy é um voluptuoso e canta em rímas d'uma exquisita simplicidade e d'uma perversidade estranha os pecados e os idilios da sua amante; a sr.ª D. Branca de Gonta é uma sentimental, tocada por essa inspiração romantica que bafejou o estro exuberante de Tomaz Ribeiro, seu pae, e a sua lira celebra as horas castas e os doces extasis do seu maravilhoso coração. De resto, a sr.ª D. Branca de Gonta, que é hoje, emudecida a voz gloriosa de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, o primeiro temperamento literario feminino

de Portugal, é uma senhora — admiravel, exclusivamente mulher, e, por de mais, tão magoadamente portugueza na graça e no abandono do seu bem querer, só de sorrisos e lagrimas feito, que os seus versos são documentos liricos d'uma impressiva emotividade de raça.

No que os dois livros deliciosamente se parecem é na intimidade amorosa que respiram. Os versos de Géraldy são versos de alcova, ironias, caprichos, tedios, mordeduras, beijos, abandono, nervos. Na *Hora da Sésta,* atravez das folhagens e das sombras, cantam rouxinoes e noivam lirios. Mas, nos dois poemas, o do artista francez e o da poetisa portugueza, o mesmo amor, feito de sensualidade ou de ternura, passa, zumbindo, egual a todos os amores. E' o amor sem *a* maiusculo, sem mitologia, sem cabelos destrançados, sem vitimas imbeles, sem tragedia, sem Desdemona nem Manfredo, com o menos possivel de noites de luar, de palidez e de fatalidade.

E' o amor, emfim, o amor mortal, carne e osso, alma e sangue — mas o amor modesto, humano, que fala como nós e sente como nós. Não é já o amor de Musset, errando como um fantasma incompreendido, fazendo coisas que ninguem faz, e dizendo coisas

que ninguem diz, irmão das estrelas, pedindo a morte em altos gritos e arrastando aos ais, sobre abrolhos, uma tunica — credo! — de suplicios. E' o amor de agora, um poucochinho doente, um poucochinho febril, exaltado ou melancolico, com um sopro de Deus e duas costelas do Diabo, mas respirando o ar que nós respiramos, vivendo, como nós, dentro de casas de pedra e cal ou passeando, não já em pleno misterio, como Rolla, mas como o vulgar dos mortaes, pelos caminhos da terra, em que ha sol e chuva, esperanças e desenganos.

E' este o amor talvez banal — e os dois livros cantam, cada um sob o seu aspecto, as suas divinas banalidades. Ha menos infinito n'esse amor, mas, meu Deus!, ha n'ele a eternidade da vida que passa e, se ha menos ideal, ha mais fragilidade e mais verdade. D'antes o amor dos poetas era uma coisa fóra do tempo e do espaço, alucinada e enigmatica, que só se alimentava d'astros e de boninas, de furias e de genio — por vezes, mesmo de muito mau genio. Hoje, os poetas desceram até nós e amam como os outros amam. O amor, afinal, é feito da trivialidade da vida — e só sendo trivial é que é grande. O que lhe dá a grandeza, a dôr, o encanto, a felicidade ou a desventura são os mil nadas,

os mil sacrificios, as mil incertezas, as mil contingencias da existencia. O que o faz nascer? Um sorriso, um pôr do sol, um desejo, uma melancolia, um «não se sabe o quê», um acaso ou uma esperança. O que o faz viver? A intimidade, o silencio, uma curiosidade que mil curiosidades nutrem, o prazer, as lagrimas, a companhia, um raio de luz, uma sombra de ciume, duas mãos que se encontram, dois corações que se procuram, duas sensibilidades que se entendem. O que o faz morrer? Um cansaço, uma palavra, um «sabe-se lá o quê!», uma alegria, um mau humor, uma corrente d'ar. Tão banal tudo! Tudo tão lindo e imenso!

Ter linguagem para exprimir estas coisas desencontradas, doces ou amargas, subtis, vulgares, imortaes — eis o merito dos poetas. E que essa linguagem seja feita das palavras singelas que toda a gente sente e nem toda a gente diz, não a linguagem dos silfos e das rosas, mas a linguagem de todo o coração humano, de toda a volupia humana e de toda a mortal desilusão — eis a verdadeira inspiração amorosa da poesia.

Não amamos, não!, menos os poetas, porque eles deixaram de ser, como Vitor Hugo, irmãos de Deus. Basta-nos que eles saibam ser — irmãos nossos.

«Fel», de José Duro

Os esforços afetuosos do meu presado camarada Albino Forjaz de Sampaio e a simpatia d'um editor fizeram ha dias resuscitar um dos livros mais dolorosamente belos da moderna literatura poetica portuguesa — o *Fel*, de José Duro. Acabo de lêr esse livro e em torno de mim ainda sangram dôres e agonias. O livro de José Duro não é uma obra de pessimismo literario. E' um poema de sofrimento intimo e pessoal.

Estou farto de sofrer, o sofrimento cança!
Por isso tenho odio a quem tiver saude.

O poeta sente em torno de si a morte. A sombra do tumulo, como uma aza negra, adeja sobre a sua cabeça. Revolta-se, sofre, grita. E esse extranho desabafo, molhado de lagrimas, ardente de febre, comove-nos ainda, atravez da distancia que nos separa da sua imensa e desolada angustia.

Conhecia muito pouco e muito mal os

versos de José Duro. Apenas um ou outro trecho transcrito, recortado, citado em jornaes ou revistas. Dezasseis anos passaram sobre a morte d'este grande e triste poeta. Durante esses dezasseis anos, o pessimismo em arte passou de moda. Cantar as proprias chagas e os proprios infortunios tem já um mediocre interesse. Mas o livro de José Duro fica. Lendo-o agora na integra, relendo-o, sentindo-o, reconheço n'essa obra alguma coisa de definitivo que a consagra gloriosamente. Porquê? Pela chama de sinceridade que n'ela vive. Não é a dôr d'um *dilletante* da tristeza. São pedaços de carne que palpitam, nervos que ainda estremecem, soluços que ainda vibram.

Este *Fel* é bem o testamento d'um moribundo. Preso a um leito de desesperos sem egual, a mocidade d'este poeta olha, atravez das janelas pobres da sua agua-furtada, a vida que corre, impassivel e futil, as horas profundas e dôces da Natureza, o alvorecer do sol, os poentes, as mulheres. A existencia, contemplada e vivida assim, sofre uma morbida deformação. E' n'essa deformação extranha que está o seu maximo requinte — e esse perfume doentio e exotico que, ao fim de tantos anos de esquecimento, nos perturba, como uma flôr de cemiterio.

Pobre poeta! Da sua dôr ele fez, na verdade, como mandava Goethe, um poema — poema comovente de hospital, onde já se adivinha o misterio tumular. Os tristes, os doentes, os naufragos da mocidade e da miseria fisica, olhos cavados pela febre e labios queimados pela anciedade, teem no livro d'este artista, Principe dos poetas desgraçados de Portugal, o seu breviario. Nunca o desespero de morrer foi cantado em mais sofregas, latejantes, sinceras, revoltadas expressões de beleza!

João Lucio

Longe de Portugal, a brutalidade da no ticia feriu-me em pleno peito. João Lucio, o meu amigo de vinte annos, o companheiro inseparavel da minha bohémia literaria de Coimbra, o grande, admiravel, querido camarada, morrera no Algarve, fulminado pela gripe pneumonica.

As grandes amisades, aquellas que definitivamente prendem o nosso coração, contraem-se apenas n'uma certa epoca da existencia — quando a nossa afetividade, ainda não desiludida e fatigada pelos mesquinhos egoismos e pela vil experiencia da vida, é como uma doce flôr brava que não pede para desabrochar e perfumar senão um pouco de sol e de ar livre. São assim as grandes afeições da juventude. São as unicas que, atravez de todos os revezes, ficam sempre dedicação ou saudade. O tempo não as esfria e a nortada não as queima. Mais tarde, quando o peso dos annos nos ensinou tristemente de que metal é feita a lealdade humana,

já em plena lucta, em perpetua desconfiança, estreítamos relações de interesse ou de cerimonia, associações de vaidades, de ambições, de competencias ou de trato social. Afetos verdadeiros e resistentes, passada, com a mocidade, a primavera que os fez florir, não voltam mais a nascer na terra, que a edade ressequiu, do nosso coração.

João Lucio foi um afeto e foi um culto dos meus quinze annos. Estou a vêl-o como elle era então na aula do Calixto — alto, muito magro, uma grande gaforina encaracolada, coroando, como uma trunfa leonína, a sua linda cabeça de aedo e de tribuno. Dentro das *sebentas* do Direito Natural, elle trazia já, escondido, um livro de versos admiravel, talvez a sua obra prima, *Descendo*. Eu, mais novo, atacava intrepidamente a imortalidade com as minhas primicias literarias, quasi infantis. Juntou-nos então uma amisade que é um dos maiores titulos de honra da minha vida por havel-a merecido — tão alto considerei sempre o seu grande espirito e o seu grande caracter.

João Lucio era sobrinho d'esse estranho e malfadado pintor, cujos olhos juvenis, embriagados pela côr dos poentes da Italia, tão precocemente se cerraram na morte — Henrique Pousão. O romance d'esse colorista,

morto pela tuberculose quando as portas do Amor e da Arte se lhe abriam apenas, era um dos cultos da mocidade do pobre João.

Algarvío como elle, embalado pelo mar e pelo céu moiros, a Côr e o Sonho eram as duas grandes Musas d'esse Poeta de dezesete annos. E como nós amavamos ambos, n'esse tempo, com que profundo respeito, todas as coisas belas da vida! Quantas vezes lhe ouvi recitar, deante da paizagem, n'esse tempo erma e lendaria, do Penedo da Saudade, as primeiras estrophes do seu livro — tão repassadas de grandeza, tão vibrantes de ritmo, tão impressivas, sonoras, musicaes, que a meus ouvidos soavam n'essas tardes divinas e dôces, como um grande hino ao misterio e á poesia da Distancia e do Espaço. O poeta cantava as anciedades da terra, os occultos sofrimentos das raizes, o poema doloroso e oculto da materia — e a sua voz, em que havia cadencias de uma acentuada pronuncia da beira-mar, interrogava o silencio das coisas e das sombras...

Convivencia intima foi essa que nos uniu em cinco annos de Porta Ferrea e de Couraça dos Apostolos. Nunca encontrei inteligencia mais vasta, mais sincera, mais nobre. Poeta muito mais cerebral do que

emotivo, a sua poesia lembra por vezes a musa grave de Antero — e se alguma coisa o prejudicou, nessa trasbordante inspiração que caraterisa toda a sua obra, foi o proprio excesso da sua eloquencia, por vezes, excessivamente caudalosa.

Um dia, na Estação Velha, ha quasi dezeseis annos, separamo-nos. Cada um de nós levava debaixo do braço, n'um canudo de lata, umas cartas de bacharel.

— Adeus João! Sê sempre meu amigo!

Ele seguiu para o Algarve, onde em breve o seu enorme talento lhe dava uma grande situação como advogado e o seu altissimo caracter lhe conquistava um consideravel prestigio moral. Eu seguia para o norte, onde, no Porto, ia modestamente começar a a minha carreira publica. Começámos a vêr-nos raras vezes. A vida envolveu-nos, dispersou-nos. Escreviamo-nos pouco. Ele tinha o horror das cartas. Mas nunca diminuiu nem enfraqueceu no meu coração a amisade fervorosa e a admiração sem limites por esse luminoso espirito e por essa alma preciosamente formada.

Ha dois mezes, pouco mais ou menos, vimo-nos, pela ultima vez, á noite, no Rocio. Demos alguns passos, juntos, na Avenida, com seu cunhado, quasi irmão, Antonio Men-

donça. E, semanas depois, eu tinha no estrangeiro, a noticia da sua morte.

— Adeus, João! —repito-te agora, como ha dezesseis annos, em Coimbra, mas, d'esta vez, para sempre. Morre comtigo, meu querido companheiro, a parte mais nobre da minha mocidade!

Eterno Feminino

Quasi ao mesmo tempo, chegam á minha mesa de trabalho dois livros: um, exaltando em palavras ardentes, o outro, satirisando em versos crueis — a Mulher. Firma o primeiro livro, em honra do Eterno Feminino, um homem de ciencia; firma o segundo, em desdouro de Eva, um poeta.

A *Nina* do sr. dr. Azevedo Neves, professor e erudito, canta em pequenos poemas cheios de requinte, o amor. O *Canto da Cigarra* (2.ª edição) de Augusto Gil, é um livro de ironias e motejos a esse mesmo Amor. «Ave, Domina!» — diz o sabio que é, simultaneamente um artista. «Não vale a pena escolher entre as mulheres. Porque valem todas o mesmo? Não; porque nenhuma vale nada» — diz-nos o poeta, servindo-se das palavras de Plauto.

Qual dos dois, minha amiga, amará mais a mulher — o erudito que veste as galas da poesia para celebrar Eva, sereia e deusa, ou o poeta que se arma do riso de Juvenal para

dizer mal de todas as mulheres? Não o duvide, minha amiga: ambos a amam, talvez de diferente maneira, mas com identico fervor. E estes dois livros, quasi simultaneos, dão-nos bem a expressão d'esta perpetua realidade: o sortilegio feminino continúa a ser a grande razão e o grande enigma da vida humana.

Deixe os homens falar em direito, em ciencia, em força, em verdade. Tudo isso, na existencia, é o fumo que sobe e se perde na distancia azul do ar. O fundo da alma humana continúa a pertencer, luminosamente ao Amor — e, pelo amor, á graça sedutora do seu sexo. Leia, por isso, minha amiga, com a melhor ternura dos seus olhos, o poema de Azevedo Neves, que é um encantador hino á sensualidade e á beleza, eterna e efemera, do Desejo e do Prazer — e mande, quanto antes, um cartão de agradecimento ao Augusto Gil pelas adoraveis maldades que lhe diz. Azevedo Neves é um professor distinto e um medico eminente. Não o impede isso de ser um critico d'arte apaixonado pela fórma e pelo ritmo da beleza. Augusto Gil — a minha amiga bem o sabe — é um dos maiores liricos da moderna poesia latina. «Pois sim — dirá a minha amiga. Acharia, por isso mesmo, mais natural que as lindas sa-

tiras que tão deliciosamente me ofendem, fossem do espirito ponderado do homem de ciencia e os louvores ardentes fossem da musa admíravel do poeta!»

Engano, minha amiga, engano — e é sobretudo para desvanecer no seu espirito esse engano que eu lhe escrevo hoje. Desde tempos imemoriais que a mulher vive na ilusão de que a cultura da sciencia a isola dos homens e de que a poesia a aproxima d'eles. A erudição dos homens intimida a mulher e a poesia, porque a enternece, cativa-a. Por isso, desde todos os tempos, a mulher habituou-se a considerar os homens de ciencia, senão como adversarios, pelo menos, como pessoas de cerimonia e os poetas como pessoas de intimidade. Vêr agora este sabio prostrado humildemente, de mãos postas, entre os seus cortezãos e este poeta a fazer-lhe figas — desnorteia-a um bocado. Compreende-se. Compreendo-o. Mas aquilo que se lhe afigura um paradoxo, está longe de o ser e, pelo contrarío, corresponde, á exata e logica expressão da realidade.

Os poetas, deliciosa amiga a quem escrevo, simbolo de todas as mulheres, não são, nem nunca foram, os seus melhores vassalos. Tem-n'a amado, sim — mas sempre com rebeldia. Porque idealmente vivem mais

perto de si, permitem-se umas certas liberdades que a lisonjeiam, mas que nem sempre a engrandecem. Ao passo que os outros, os espiritos de estudo, mais afastados do seu convivio poetico, timidos, concentrados, foram sempre as presas indefezas e as melhores victimas do seu satanico poder feminino. Chamo a sua atenção para o caso do dr. Fausto, que é do seu conhecimento.

Mas, apezar d'isso, estou d'aqui a vêr um sorriso. A minha amiga tem a sua fraqueza pelo poeta que a trata mal. Tambem está certo. Com mulheres não se discute. Vou dizer ao sr. dr. Azevedo Neves que escreva agora outro poema em prosa — a desancal-a, mesmo que não tenha o genio satirico do *Canto da Cigarra*. A minha amiga, no dia seguinte, marca-lhe uma entrevista.

Oh! as mulheres!...

João do Rio

Paulo Barreto, o delicioso João do Rio, da *Alma Encantadora das Ruas*, vae partir para Paris. Chegou a Lisboa ha uma duzia de dias e assistiu, entre nós, ás ultimas duas duzias de revoluções que se realisaram neste curto periodo. Após esta pequena instrumentação de guerra, que embalou os seus sonos do Hotel Metropole, vae logicamente assistir á Conferencia da Paz.

No meio de todo este *brouhaha* das nossas disputas domesticas, receio que a muitos passasse despercebida a presença do grande escritor brazileiro, que, no seu regresso á patria, de novo nos visitará. Eis porque falo dele. O João do Rio não é apenas um admiravel artista, é tambem um grande amigo de Portugal. Tinhamos todos, por isso, o dever de lhe dar, por uma fórma expressiva, as boas vindas. Ocupados, como andamos agora, a matar-nos uns aos outros, não tivemos, desta vez, ocasião. Fica para a volta.

Ha cinco ou seis anos que não via o João

do Rio — e é sempre para mim um enorme prazer encontrar-me com este sedutor espirito, boémio e latino, que é, *doublé* de um precioso e raro temperamento literario, um amavel e sagaz conversador. João do Rio ama o paradoxo, como Oscar Wilde o amou. Da vida colhe muito mais a flôr fina da sensibilidade do que as rosas desbotadas da emoção. Um poucochinho cético, a existencia para ele reduz-se a ritmos de beleza. O resto é fadiga, esterilidade, tédio. E, delícioso Principe do Estilo, da Sensação, da Ironia, passa pelo mundo saboreando o vicio singular de viver — dizendo á gente coisas extranhas, complicadas, enormes, com uma graça requintada e gäuleza e uma exuberancia tropical.

Por curioso paradoxo, a Natureza engordou e encalveceu precocemente este prodigo cultor de paradoxos. Deu fisicamente a bonhomia e a calma a este doente da civilisação, a este expressivo e febril cronista das elegancias, das sensualidades e das multidões. Vendo-o, dir-se-ia que nunca tem pressa — e, todavia, anda na vida com noventa quilometros á hora. Parece o Embaixador da Indolencia — e escreve quatro volumes por ano, redige não sei quantos jornaes e vem á Europa todas as semanas.

E' uma individualidade, o que é raro encontrar-se, mesmo entre pesssoas inteligentes — e isso basta para que eu o aprecie e estime. Não sei se os senhores o viram subir o Chiado, com um sobretudo castanho claro, um *cache-col* preto, umas mãosinhas pequeninas, um pouco *dandy*, um pouco burguez, cara rapada, vagaroso, sorridente. Não sei se os senhores o viram, mas ele é que os viu a todos, com certeza — porque vê toda a gente, parecendo que não vê ninguem. Veiu assim do Brazil, sem alterar o passo, suponho que a pé — a irritar as sereias e as salsas ondas com o seu desdem olimpico. Agora vae atravessar a Espanha, por mar, e desembarcar de um transatlantico no *Boulevard des Capucines* — para não se confundir comnosco, que costumamos ir de comboio e sair na *gare* d'Orsay.

Pois cá venho ao Rocio, meu caro amigo, dar-lhe o ultimo abraço a bordo e desejar que não tenha uma tempestade ao atravessar as torrentes do Manzanares. Nós cá ficamos a fingir que nos odiamos uns aos outros. Diga lá em Paris, onde, á força de lêrem nos jornaes a noticia dos milhares de mortos que, segundo os relatos telegraficos, juncam, em cada revolução, as ruas de Lisboa, que isto por cá ainda é povoado. No

fundo (deixe-me você dizer-lh'o, antes de partir) o unico desgosto que nós temos quando fazemos revoluções, é que se saiba lá fóra. E' a nossa grande preocupação. Gostavamos de fazer isto — mas que não se soubesse. Por isso, você, se puder negar — negue. Você, que é nosso amigo, diga que são tudo invenções dos hespanhoes que teem inveja de nós estarmos por cá em completo socego. E, se calhar, são — porque não sei se você já reparou em que as noticias do Porto, por exemplo, vêm agora todas de Madrid e de Tuy. Até parece uma coisa inventada, n'algum romance, por você!

E, sem mais, boa viagem — meu caro Principe Jacinto das *Cidades e Serras!*

Nossa Senhora da Decencia

Longe de se atenuar, a moda do nu feminino (deixem-me chamar-lhe assim) parece querer acentuar-se. Paris decreta cada vez mais o decote — e cada vez mais estende esse decote até ás mais extraordinarias inverosimilhanças. Receiaria ofender a pudicia das minhas leitoras e dos meus leitores, descrevendo estes maravilhosos caprichos, se não se tratasse de coisas correntes, praticadas aos olhos de todos e sob a agradavel proteção da propria moral publica e domestica. Uma actriz parisiense M.elle Jane Marnac, apresentou recentemente a ultima palavra da elegancia feminina, envolvendo em peles e sedas a garganta, a nuca, os ombros, os braços — e transferindo arrojadamente o decote para a cinta. Ficou lançada a gentilissima e arrojadissima ideia que já deve vir, em caminho de Lisboa, pelas alturas de Bayona.

Indiscutiveis autoridades determinam, segundo me consta, nas melhores publicações do genero, o decote das espaduas, a saia pelo

joelho e outras estranhas maravilhas. O decote segue a sua evolução descendo para os pés e, em resumo, verifica-se que sobe de prestigio — á medida que baixa de posto.

Entre as varias coisas que ha no mundo que não se discutem, uma existe que nem sequer ha o direito masculino de comentar: os caprichos das mulheres. Longe de mim, pois, a ideia de formular qualquer objecção a esta aprazivel condescendencia com que as belezas femininas se nos desvendam agora, sob qualquer pretexto, no teatro, nas salas, nos *restaurants*, desafiando os rigores da temperatura e todas as crises de aquecimento que possam assolar a Europa. Está provado que a mulher, quando se decota, é o unico animal que não tem frio — e se alguma prova desta verdade fosse necessario dar, tinhamo-la tido todos exuberantemente na intrepidez admiravel com que, em pleno S. Carlos, nos espectaculos da Pavlowa, de roseos braços e colo nus, as mais elegantes mulheres de Lisboa batiam deliciosamente o queixo, expostas ás intemperies da sala — sorrindo com indiferença aos rigores do inverno e do vento que varriam as bambolinas, as cortinas dos camarotes e as golas voltadas dos nossos sebretudos.

Mas se, como homem, me não atrevo a

discutir, sob o ponto de vista estetico ou moral, as leis subtis a que Eva obedece, vestindo-se ou despedindo-se, julgo-me no direito de, no proprio interesse feminino, apresentar algumas observações que a minha experiencia pessoal me dita sobre o efeito que a pratica de tais leis me parece produzir nas relações sociais e afectivas entre os dois sexos.

A mulher decotada até ao joelho e até aos surpreendentes misterios da alma, sem meias, sem colete, sem mangas e quasi sem saias, a mulher, emfim, de tanga cingida ou de tanga de balão, é mais bela, mais delicada ou menos pudica do que a mulher que ha meia duzia de anos ainda, tinha o habito sumptuoso de se vestir para aparecer em publico? Não sei — e, mesmo que o soubesse, não correria os riscos de o dizer. Mas a mulher reduzida ás mais simples expressões do vestuario, desvendada aos nossos olhos pecadores em todos os seus reconditos encantos, é para nós, homens, mais sedutora do que o era a mulher que dantes mal descerrava sobre a pele setinosa do peito a curva discreta dum leve decote, a mulher com roupa até aos ombros e aos pés — a mulher que córava ao mostrar, subindo para o electrico, cinco centimetros de perna e um milimetro de sapato?

Sobre esse aspecto da questão posso abertamente formular as minhas duvidas. Não o creio. A mulher bonita, em publico, semi-despida, é infinitamente menos perturbadora do que a mulher discreta, elegante, sabiamente velada pelos antigos figurinos pudibundos. Adivinhar foi sempre infinitamente mais curioso e mais perverso do que conhecer. Dantes, diante de nós, envolta em seda ou veludo, com a pequenina mancha branca dum pequenino começo de colo nu, a beleza duma mulher era uma hipotese apenas, uma conjectura, uma curiosidade. Sonhavamo-la, imaginavamo-la — engrandeciamo-la portanto. Era a nossa fantasia que principalmente embelezava a mulher. Hoje, semi-despida, a mulher fica reduzida á sua beleza propria. O decote familiarisa-nos com o que outróra era para nós o misterio. Que ganha com isso junto do espirito masculino a Eva dos nossos dias? Desconfio que nada. O pudor, o recato, não são apenas virtudes morais, são tambem encantos fisicos. O desconhecido, o que apenas se pressente, é imensamente mais tentador do que a realidade — grosseira sempre como todas as realidades.

Sob esse ponto de vista, nós, homens, estamos, afigura-se-me, na verdade, continuando fieis ao nosso alfaiate, ás calças e ao cola-

rinho. Se nos despojassemos ámanhã d'esses atavios, já não falo nas pneumonias a que, desprovidos das imunidades femininas, nos expunhamos, mas quero apenas lembrar as decepções colossais que inspirariamos. Por mais que me digam e por mais que a mulher seja cada vez menos o vestido, o homem é cada vez mais o fato — e se o habito não faz o monge faz, pelo menos o janota.

A modista é que já não faz positivamente a mulher. E é pena. As mulheres, no tempo em que Nossa Senhora da Decencia as vestia, eram diferentes umas das outras. Hoje, as mulheres decotadas até á cintura parecem-me todas, não sei porquê, a mesma mulher. O decote, quando deixa de ser uma promessa para ser uma revelação, é um inimigo do desejo. E' sómente um mau amigo da curiosidade e da saciedade dos homens.

Latino Coelho

A *Empreza Literaria Fluminense* está reimprimindo, com o melhor dos intuitos, a obra despersiva e fragmentaria de Latino Coelho. O primeiro dos volumes, do qual já tive ensejo de lêr as primeiras folhas, é constituido pelo magnifico estudo do ilustre poligrafo sobre o navegador *Fernão de Magalhães*.

O reaparecimento da obra de Latino, a quem Pinheiro Chagas chamou um prodigioso estilista, constitue, no nosso meio literario, um singular acontecimento de curiosidade. Latino Coelho ainda hoje é um nome, tal foi o prestigio intelectual que o acompanhou em vida — mas não é mais do que um nome. As nossas duas ultimas gerações desconhecem-no em qualquer das multiplas, excelentes, nobres feições por que o seu alto talento se revelou — na historiografia, na prosa didatica, no descritivo artistico, na tribuna ou no jornalismo.

Latino aparece vagamente ao nosso tempo como um distante idealista politico da epoca em que a palavra «democracia» se cantava ao piano, com trinados na garganta, e em que se escrevia de cabeleira desgrenhada sobre os chamados «mar revolto das idéas» e «vento rijo dos preconceitos». O seu perfil, para nós, que não fomos seus contemporaneos, é o dum remoto, magnifico ideologo da imprensa e da oratoria, já desbotado e apagado pelo tempo—e a sua gloria é uma velha reliquia, academica e amortecida, pendurada com todo o respeito, entre duas datas de historia e duas folhas secas e famosas de louro. Quando muito, fala-se nos jornaes, de vez em quando, na tradução, que todas as pessoas circumspectas dizem ser admiravel, da *Oração da Corôa*, de Demostenes e em certa opulenta e colorida evocação de Cintra que, durante algumas dezenas d'anos, andou nas seletas dos liceus. Fóra d'isso, se Latino Coelho não é propriamente um esquecido—é hoje um ignorado de todas as nossas intimidades de espirito.

A reedição das mais notaveis produções do homem eminente que escreveu a *Historia Politica e Militar de Portugal* vae proporcionar ao noso tempo o ensejo de lêr Latino Coelho—e vae resuscitar, para a familiari-

dade das nossas bibliotecas, um estilista poderoso, meridional, vibrante, rico de modulações sintaxicas e de conceitos, dextro e eloquente. De certo, a prosa excessivamente redonda, simetrica, solene, de Latino está hoje fóra da moda. Latino foi um academico; mesmo em sua vida, Bulhão Pato notava ao seu admiravel poder de expressão a falta d'aquilo que o poeta da *Paquita* qualificava, no seu tom pitoresco, o «córte da veia popular», acrescentando ainda, com um acento de lirica sinceridade — «se o amor, o «eros», que desabrochou n'um beijo a Psyché, houvesse incendiado um dia a alma do insigne escritor!...»

Efetivamente, Latino Coelho, que se jactava das suas faculdades de improvisação, foi sempre, no seu mais abundante e elevado sentido, um escritor de estudo e de cenaculo. A' sua fórma, excessivamente culta, falta a mordedura do sol e do ar livre, a expontaneidade de locução, a ternura, o colorido, a fantasia, a seiva creadora da terra e da dôr. Ao seu estilo, da mais fluente estrutura, tal como nos aparece hoje, sóbra em truculencia, em vigor, em liturgia classica e em espirito humanista, o que lhe escasseia em sensibilidade, em graça, em transparencia.

Não ha duvida de que nós hoje sorrimos

um pouco — Nosso Senhor nos perdõe! — quando ouvimos o panegirista de Humboldt dizer-nos que «viu na rua dos Condes os triunfos cruentos de Melpomene, sem que a inveja de Milciades lhe turbasse o sono em presença dos Temistocles literarios». Presentemente, somos todos, em literatura, incrivelmente mais terra a terra — o que já nem sei se é defeito, se qualidade. Mas, de todas as maneiras e a despeito do ligeiro bafio do tempo que a prosa vercacula e castiça de Latino Coelho hoje possa para muitos ter, a verdade é que o eminente escritor foi um dos mestres da lingua portugueza — e aqueles que cultivam e amam as magnificas e luminosas tradições d'essa lingua não podem deixar de estimar e admirar, n'este estilista opulento, um dos mais corretos, expressivos, e elegantes devotos da palavra que o Portugal do meiado do ultimo seculo produziu.

Depois da guerra

Tinha um amigo (recordo-o com saudade) que me fazia as suas confidencias. Habituára-se a contar-me sempre os seus projetos, os seus segredos, os seus entusiasmos e os seus pezares. Ha pouco mais d'um mez, n'uma tarde em que desciamos juntos o Chiado, o meu amigo declarou-me solenemente que tencionava fazer uma grande viagem.

— Onde?

— Não sei bem. Por esse mundo, por essas Europas.

— O quê? Tu vaes viajar? — inquiri, surpreendido, porque conhecia os habitos e os recursos modestos do meu amigo.

— Vou, depois da guerra, é claro...

E percebendo a interrogação e a curiosidade do meu olhar, acrescentou:

— Sabes? Arranjei um negociosinho para depois da guerra, que me deve render uns cobres bons. Não quero perder a ocasião.

Concordei em que nunca é bom perder uma ocasião e seguimos. O meu amigo, sem-

pre tão minucioso nos seus desabafos, não me contou o que era o tal negociosinho «para depois da guerra» e eu não quiz ser indiscreto. Iamos a voltar para a rua do Carmo e dispunhamo-nos, mudando de passeio, a atravessar o terrivel mar de lama que banha aquelas paragens e que já vem designado nos ultimos mapas da Europa ocidental, quando uma onda mais alta e revolta d'aquele oceano de papas me salpicou o fato.

— Que porcaria! — exclamei. Lisboa está imunda!

— Está — confessou o meu amigo, que era intimo de um vereador. Depois da guerra a Camara municipal tem tenção de limpar isto.

Conversamos ainda em varios assuntos. Despedimo-nos. Começava a choviscar, de novo.

— Vaes sem guarda-chuva?

— Vou — respondeu. Parti o meu, ha dias e, já agora, não vale a pena mandal-o concertar. Em acabando a guerra, compro outro.

A chuva engrossou. O meu amigo levantou a gola do casaco e meteu-se, impávido, á agua que, em grossos cordões, inundava as ruas. Esteve uns dias sem aparecer. Começou a inquietar-me a sua ausencia. Fui procural-o a casa — um terceiro andar modes-

tissimo, na Estefania. Encontrei-o triste, murcho, envolto em cobertores, meio deitado n'uma poltrona velha, ao pé da cama. Gemia.

— Estás doente?

— Um ataque de reumatismo. Foi d'aquela mólha do outro dia.

— Isso não vale nada, mas precisas de te tratar.

— Depois da guerra, vou ao estrangeiro — ou a Vizela.

E ficou-se, inabalavel. Quiz convencel-o a chamar um medico. Não houve maneira. A todas as insistencias minhas repetia: «Depois da guerra, vou a Vizela — ou ao estrangeiro».

Afinal, mesmo sem medicos, o meu amigo melhorou. Voltou a sair; voltou a aparecer — mas sempre definhado, tropego, exquisito. Não era o mesmo homem, começou a andar irritavel, apreensivo. Pensei em o distrair.

— Has de vir cá jantar comigo. E, depois, vamos ao teatro. Que diabo! E' preciso espairecer.

Recusou-se. Propuz um «restaurant» — para variar. Tambem não. E só consegui apanhar-lhe esta promessa:

— Quando a guerra findar, então sim. O meu director geral já me disse que todos os

ordenados vão ser aumentados. Os funcionarios hão de ser pagos, como na Inglaterra, á larga.

Duvidei. Duvidei (com franqueza lhes digo) por duvidar — por este prazer inexplicavel que a gente, ás vezes, tem em duvidar da propria certeza. O meu amigo exaltou-se, chegou a tratar-me por «você».

— Talvez você não saiba — atacou ele, furioso — que, em acabando a guerra, vamos ter um grande «restaurant» economico, com jantares de luxo, servidos por «cocottes» e com senhas do Bonus Universal, no Parque Eduardo VII. Pois sei eu d'uma grande sociedade de capitalistas que já está fundada para esse efeito. As obras vão principiar. E vae haver uma lei...

Um ataque de tosse interrompeu-o e cortou-lhe a palavra inflamada. A' saida, com o fato no fio (ha quatro estações que não fazia fato) e já uma pontinha de febre nas mãos, chamou-me de parte e segredou-me:

— Vou dar-te uma noticia. Vou ser pae. Minha mulher...

—O quê? Serio? Tanto tempo depois de casados!... Magnifico! E para quando, para quando o grande acontecimento? — inquiri, afetuosamente.

— O pequeno, pelos calculos da mãe e

pelos meus, deve nascer lá para depois da guerra...

Separámo-nos. Não voltou. Caíu na cama, com uma pneumonia, apanhada n'aquela noite em que, já doente, saiu expondo-se, desagasalhado, ao frio e á nevoa. Teve uma doença curta, peioras fulminantes, uma agonia rapida. Acabo de saber que morreu hontem, ao amanhecer e sem conhecer a morte.

Pensar eu que, se a guerra já tivesse acabado, o meu pobre amigo, com certeza, não morria, porque tinha comprado o guarda-chuva e umas galochas — e estava naturalmente a estas horas, no Parque Eduardo VII, a abrir latas de *foie gras* e de *cocottes* frescas, a quatro tostões a duzia!

Revoluções

As revoluções em Portugal tornaram-se periodicas, e, como tal, não ha razão para que não entrem, como a chuva ou o bom tempo, as festas mudaveis e os dias feriados, nas previsões dos metereologistas e nos programas do Borda d'Agua. Entendo que, para conveniencia de todos, as futuras *folhinhas* deverão conter a sua enumeração, aproximativamente, com as datas provaveis e, quanto possivel, as horas. «14 de fevereiro, sexta-feira, S. Valentim. Lua cheia, nasce o sol ás 7,30; revolução em Lisboa ás 17 horas e 30 minutos» — «2 de março, sabado. S. Simplicio, lua nova, ocaso do sol ás 19 horas e 17 minutos; insurreição em Leiria ás 15 horas e 45 minutos.»

Por esta fórma, estamos todos prevenidos; evitam-se pequenas confusões que ainda, infelizmente, se dão, faltas de pontualidade que ás vezes contrariam os nossos habitos e ninguem tem que estranhar. — «24 de março, segunda-feira, quarto crescente,

nascimento do sol ás 6 horas e 35 minutos, interrupção de todas as comunicações do sul do paiz ás 14 horas e 32 minutos». E pronto. Isto é claro, é logico e escusa uma pessoa de ter de andar a informar-se d'estas coisas pela porta da Havaneza e pelas Arcadas do Terreiro do Paço. No dia 14 de fevereiro, ás 17 horas e 45 minutos, o cidadão prevenido recolhe a casa, manda acender o fogão, fecha as janelas e aguarda os acontecimentos. Por outro lado, os revolucionarios a essa hora já sabem que teem serviço ordinario e os governos tomam as suas precauções. Ninguem se alarma, não ha nessa noite jantares fóra, ninguem compra bilhetes de theatro e quem faz anos guarda essa maçada para o dia seguinte. Não havendo em Portugal, em regra, serviços publicos bem organisados, esse das revoluções podia talvez organisar-se assim, não direi com mais regularidade, porque nessse ponto já estamos menos mal servidos, mas com um pouco mais de publicidade bem ordenada.

Isto não é dizer mal do meu paiz, mas a verdade é que, frequentemente, se dão confusões desagradaveis. Uma revolução anunciada, por exemplo, com oito dias de antecedencia, para as 22 horas de certo dia, não surge, senão quatro horas depois da hora da

tabela, como o comboio rapido. Isto faz mau efeito no estrangeiro e causa perturbações na vida das pessoas metodicas.

Os povos, como os homens, devem saber tirar partido até dos seus defeitos. Ora, realmente, as revoluções começam a ser uma atração de Portugal. «*Eso de la revoluciones, como va?*» — dizia-me Romanones, ha pouco tempo ainda, antes de me perguntar pela saude. Esta pergunta acolhe já frequentemente o portuguez, logo que passa as fronteiras. E um portuguez, lá fóra, nem sempre está habilitado a satisfazer a natural e lisonjeira curiosidade do estrangeiro. Ha toda a vantagem em que o esteja.

Sabendo-se com uma certa antecipação que no dia 2 de março, a uma hora fixa, o movimento é em Leiria, organisar-se-hão comboios especiaes para a região, com itinerario determinado, *guias* competentes para acompanhar os curiosos, uma pequena visita á Batalha e o meu amigo Lopes Vieira pode mesmo preparar um serão adequado no mosteiro d'Alcobaça, com a assistencia da senhora Dona Inez de Castro. Lucra a cidade, lucra a Companhia dos Caminhos de Ferro, os hoteleiros — e um patriota, interrogado a proposito, em qualquer parte do mundo, pode esclarecer, consultando o almanaque:

— Eu lhe digo: revolução tem Vossencia agora uma em Braga, que deve ser bastante concorrida. E' uma cidade antiga, muito interessante e pode Vossencia aproveitar uma visita ao Bom Jesus. Vale a pena.

Será recomendavel, desde que estes serviços se organisem com mais cuidado, uma equitativa distribuição pelas regiões, e, quanto possivel, pelas estações do ano. O governo não deve deixar de intervir neste assunto delicado, para não prejudicar qualquer parte do paiz em proveito d'outra mais favorecida, nem sobrecarregar excessivamente certos mezes em detrimento d'outros. Divida-se Portugal em zonas, entregue-se a fiscalisação á Repartição do Turismo e, em caso de necessidade, crie-se mesmo um novo ministerio, que não deixaria de ter bastante que fazer — o Ministerio das Revoluções e Sedições Sociaes. E' uma pasta para que está naturalmente indicado o sr. Machado Santos.

Aqui fica o alvitre, ditado por um espirito de bom portuguez. Aproveitem-n'o, se quizerem. Que diacho! Já que não o ha em tantas outras coisas, ao menos, que nisto de revoluções entre nós haja — um pouco d'ordem!

O Rei Nikita

Telegramas do estrangeiro anunciam que a assembléa nacional de Pedgoritza, considerando que o rei Nikita abandonou o paiz e o seu povo, acaba de depôr este monarca, declarando a anexação do Montenegro á Servia.

Vi o rei Nikita em Paris, em agosto ou setembro de 1917. O Montenegro estava nesse tempo em poder do invasor alemão e o velho rei, vivendo, segundo se dizia, a expensas de seu genro, o rei de Italia, habitava modestamente Neully. A casa de Neully, morada do monarca exilado, era tudo quanto lhe restava do seu montanhoso e pequeno reino. Mas nem ahi o infeliz soberano estava livre das graves agitações politicas da sua realeza. Era raro o mez em que em Neully não caía o governo do Montenegro. Sua Magestade via-se sériamente embaraçado, com o reduzido pessoal que lhe restava em Paris, para resolver essas crises ministeriaes. Com a ajuda de Deus e de uma paciencia infinita,

lá combinava, porém, novos gabinetes, fazendo uma dificil contradança de pastas — na pequena sala de jantar, que dava sobre um minusculo parque de grandes arvores solitarias.

De vez em quando, o Estado do Montenegro vinha de passeio até Paris e almoçava no Hotel Meurice. Foi lá que eu tive a honra e a fortuna de o conhecer. Atravessava o *hall* do hotel quando ouvi o porteiro reclamar de um *chasseur:*

— *Un taxi pour Sa Majesté.*

Recuei, atonito. Quem seria a magestade incognita, que se hospedava tão á surrelfa, no grande hotel da rua de Rivoli e que tinha como eu, áquela hora, n'aquele dia impertinente de chuva, a modesta aspiração de um *taxi?* Vi então aparecer, com um reduzido sequito de pessoas mal encaradas, um velho robusto, de largos hombros quadrados, cara exotica, sobrecasaca preta e um pomposo barrete de oleografia sobre uma cabeça forte de montanhez. Interroguei com o olhar o porteiro perfilado e solene, que me esclareceu:

— Sua Magestade o rei do Montenegro.

Perfilei-me tambem, e Sua Magestade, com passos seguros, avançou intrepidamente para o automovel de praça e sumiu-se para os lados das Tulherias.

Dias depois, no mesmo hotel, numa mesa contigua áquela que eu ocupava, o rei Nikita almoçava com não numerosa mas ruidosa companhia. Eram os ministros. O Estado do Montenegro tinha vindo naquele dia ás compras. Logo pelas alturas do *hors d'œuvre* percebi que a politica do Montenegro estava agitada. Havia um velho de grandes barbas brancas e olhar coruscante que, brandindo no garfo uma sardinha de conserva, discursava inflamadamente. Era o presidente do conselho. Sua Magestade, mastigando uma azeitona, escutava e refletia. Depois, apoiando um cotovelo sobre a mesa, o guardanapo entalado no peitilho da camisa, tirou da boca o caroço e ficou longamente brincando com ele entre os dedos, como a dizer-nos resignadamente, emquanto o orador das barbas continuava arengando:

— E' o caroço do oficio.

O almoço seguiu e eu tive a impressão — Deus me perdôe! — de que o Estado do Montenegro estava com apetite. Houve um momento de calma, com o primeiro prato. Mas em breve azedou-se a discussão. Um cavalheiro de longos bigodes tomou a palavra, parecendo, pelos modos e pelo semblante, que invetivava o rei e o precedente orador das barbas. Tinha na cabeleira e nas nodoas

do *frack* qualquer coisa que denunciava pertencer ao partido radical. Houve panico nos bifes e nas batatas fritas. Na sala desenhava-se já uma certa sensação. Numa mesa contigua, o embaixador e o adido militar da Inglaterra voltaram-se nas cadeiras. Vi a coisa muito perto de uma intervenção estrangeira.

O rei escutava sempre e abatia com singular sangue-frio um suculenta *omelette*. As vozes elevavam-se: falavam agora dois ao mesmo tempo e o homem dos bigodes, mastigando sempre, batia punhados em cima da mesa. Percebia-se que não estavam de acôrdo, a não ser numa coisa — em comer. Eu tinha a impressão de que estava em Portugal.

Do corpo diplomatico começavam a saír *shius* discretos. Os criados entreolhavam-se e o *maitre d'hotel*, homem experimentado e prudente, teve uma idéa de génio: avançou novamento para o Montenegro com a travessa dos bifes e fez-se uma visivel acalmação.

Visivel, mas curta. Exgotados os mantimentos, o desacôrdo acentuou-se mais vibrante. Um homem miudinho e de oculos quasi se erguia na cadeira e chegou a pegar numa faca. O olhar do rei explodiu numa

cólera mal contida. Era agora ele quem falava, agitando a cabeça mascula e estranha, e os outros ouviam, silenciosos. O presidente do conselho escrevia algarismos nas costas do *menú*. Logo que o rei se calou, tres convivas tomaram a palavra ao mesmo tempo. O embaixador inglez levantou-se e veiu tomar café para o salão. Eu julguei prudente acompanhar aquela demonstração das potencias—e segui a Gran-Bretanha. Cá fóra, emquanto tomava o meu calice de *Coíntreau*, vi, atravez das portas envidraçadas, que a discussão se engalfinhava e que, em certa ocasião, o monarca, irritado, tomava uma atitude violenta. Depois, fez-se o silencio. O Estado do Montenegro saíu da mesa e quando se sentou no outro extremo da sala a tomar café reinava já a harmonia entre os ministros. O homem dos bigodes compridos pareceu-me murcho—e foi o primeiro a retirar-se.

Soube só no dia seguinte, que, durante aquele almoço, houvera um verdadeiro golpe de Estado. O rei Nikita, na altura do queijo, sofucára, porém, valorosamente o movimento.

Em recompensa d'esta agitada vida politica no exilio, o Montenegro, ingrato, acaba de despedir o seu rei—como quem despede

um *chauffeur*. Calamitosos tempos! Tenho a impressão de que, se na reunião da Skou-pchtina, em que se decidiu a deposição do soberano, estivesse o *maitre d'hotel* do Meu-rice, as coisas se teriam passado de outra maneira. D'esta vez, porém, foi a Servia quem avançou com os bifes — e o rei Nikita ficou fóra da mesa.

Modas e confecções

Os jornaes francezes mostram-se indignados com as novas modas femininas. *Le Journal*, que tomou particularmente o caso a sério, publicava ha dias um artigo de fundo chamando a atenção das mulheres de Paris para o perigo que os seus exageros e impudores fazem correr á honra da França, dizendo, pouco mais ou menos: «Estão atualmente em Paris algumas centenas de diplomatas e jornalistas estrangeiros: as opiniões que eles formarem n'este momento sobre nós, serão as opiniões que se fixarão sobre a França, pelo menos, durante um seculo.»

Efetivamente, parece que os novos decotes femininos atingem proporções inacreditaveis. E' o integralismo no decote ou o decote integral. Da cintura para cima, a nudez de Salomé, suspensos apenas em pedrarias os seios, como manda o rigor da indumentaria. As saias descem sómente até ao joelho e já se fala na possivel abolição das meias, que, na realidade, se me afiguram

inuteis. É o regresso á tanga. Por outro lado — é preciso não esquecer este pormenor — nas reuniões intimas, as cadeiras estão abolidas. Os convivas devem sentar-se em almofadas e tapetes a isso expressamente destinados. É a antiguidade pura — evocativa, excentrica, impudica e fresca.

Fresca, sobretudo, porque a tirania da moda vae até aos proprios vestidos de rua, em que as mulheres apresentam as espaduas em zero graus de nudez e o resto em correlativa simetria. Eva, impavida, arrosta submissamente esta nova tirania que a rua de La Paix impõe ao mundo. Um alfaiate celebre, interrogado a proposito, desculpou-se delicadamente: «Que querem os senhores? D'antes, as *cocottes* tinham a preocupação de se parecerem com as senhoras sérias. Hoje são as senhoras sérias que teem a preocupação de imitarem as dançarinas das *Folies Bergères*». Este conceito, digno de La Rochefoucauld, encerra, a meu vêr, toda a filosofia amena da questão...

Juntamente com esta campanha contra o impudôr das modas femininas, a imprensa franceza grita tambem contra a crescente imoralidade dos teatros. Parecia-me mais conveniente gritar contra a crescente imoralidade de tudo. Devem começar a estar

bastante desiludidos os espiritos candidos e castos que anunciavam, para seis mezes depois da guerra, uma maravilhosa transformação da dignidade e da cultura humanas. Segundo estes bons e respeitaveis profetas, a imensa tragedia que durante quatro anos enlutou a humanidade, ia trazer-nos, pela virtude admiravel das suas dôres e ensinamentos e, só por si, uma nova era de beleza e de paz.

Houve quem visse, no incendio do *Moulin Rouge* um simbolo. Das cinzas de uma civilisação decrepita e vergonhosa, de uma ciencia sem filosofia e de uma arte sem verdade, ia nascer deante dos nossos olhos uma nova sociedade de costumes doces e puros, de homens melhores, de sabios e de crentes.

Generosa ilusão, que apenas serviu para animar sacrificios e heroismos! E contra as decéções, provenientes d'essa ilusão, nada podem as catilinarias indignadas e as admoestações severas. A guerra foi apenas um aspéto sangrento da imensa dissolução, a que assistimos, na civilisação moderna. Essa dissolução continúa, e nada a poderá impedir. E' uma sociedade inteira que desaba — e a guerra não marca o final, mas o inicio d'esse cataclismo. Olhem o mundo: o seu aspéto não mudou. São os mesmos egoismos, mais for-

tes, porventura; os mesmos odios, a mesma febre de prazer — a mesma ausencia de infinito e de ideal na alma humana.

Emudeceram, sequer, os canhões? Nem isso. Emquanto a Conferencia da Paz se reune em Paris, para formar a Sociedade das Nações, e, á força de tratados, de memorias, de discursos e de banquetes, inaugurar a tranquilidade e a felicidade humanas, a Russia, a Alemanha, a Austria, os Balkans, a Irlanda e Portugal são brazeiros fumegantes. A Hespanha, a França, a propria Inglaterra são vulcões ameaçadores. Os *Moulins Rouges* multiplicam-se. A ambição desencadeia-se cada vez mais feroz. O vicio dança sobre os escombros da tragedia o seu *can-can* delirante.

Para onde vamos? Para um mundo melhor? Talvez. Mas estamos ainda no começo da ingreme jornada. O edificio secular, á sombra do qual a nossa civilisação se creou, desabafa por todos os lados. E' a moral, é o Estado, é a arte, é a ciencia. De um lado, é a devastação, a cegueira implacavel e destruidora; do outro lado, é a falencia, a impotencia, a decomposição. Ruinas de cidades, de campos, ruinas de almas. Ruinas de hontem, ruinas de hoje, ruinas de ámanhã. A humanidade nova só se erguerá, solida e

fecunda, á beleza da vida, quando todo o mundo velho tiver perecido. D'aqui a muitos annos? D'aqui a seculos? Que importa! O tempo é apenas a poeira do infinito.

No meio d'esta formidavel derrocada, costumes, religião, amor, beleza, desaparecem, amortalhados em ancia de prazer, em libertinagem, em aridez de consciencia, em sarcasmo e em tédio. Os jornalistas de Paris, os moralistas da Europa, indignam-se, porque as mulheres se despem e os teatros do *boulevard*, para vergonha da França, se tornam cada vez mais repugnantes lupanares? Porquê? As mulheres nunca são nem mais, nem menos puras do que os olhos que as vêem e os corações que as desejam — e se elas são assim é porque os homens são peores. E os teatros nunca são nem mais nem menos dignos do que os publicos que os frequentam.

E deixem-me mesmo dizer-lhes que, n'este imenso martirio de uma época que se suicida e decompõe, elas, as pobres mulheres, obrigadas a afrontar, arqui-semi-nuas, o frio e a chuva, não são as vitimas que menos sofrem. Eu, que nasci dentro de uma peliça e sou o mais friorento dos mortaes, julgaria mesmo inverosimil, com o tempo que faz, o suplicio de atravessar, em pleno dia,

com os hombros, o peito e os braços nùs, a Praça da Concordia ou a Praça dos Restauradores, se de ha muito não soubesse que, para os rigores da temperatura, em comparação comnosco, homens, as mulheres foram pela Providencia dotadas com uma providencial e protetora *chauffage* central. E, já agora que as mulheres que me lêem sabem que é, em obediencia a uma fatalidade social e historica que a moda as manda despir, resta áquelas das minhas leitoras que, por deficiencia ou desarranjo de aquecimento, tiverem frio, a consolação que lhes anuncio de que, transformados os costumes e os Estados, d'aqui a um seculo ou dois, a moda lhes permitirá outra vez que se vistam...

Pitoresco

Dizia o excelente e subtil Fradique Mendes que a vida era insuportavel sem um bocado de pitoresco depois do almoço. Eu sou absolutamente da mesma opinião, apenas com uma leve variante de horario. Prefiro o pitoresco depois do jantar. Fiel a este principio, poderei ignorar lamentavelmente Lisboa monumental, Lisboa arquitetonica ou Lisboa mundana, mas, em compensação, tenho a vaidade de conhecer a fundo aquilo que poderemos chamar Lisboa pitoresca.

Lisboa pitoresca não é apenas, como muitas pessoas supõem, a Alfama, a Ribeira, certa arqueologia, o saloio, a alface, as colinas, o Tejo, o marmore, o granito e os janotas. O pitoresco surge em toda a parte e, por vezes, onde a gente menos espera: ao virar d'uma esquina, ao apear d'um electrico, n'uma taboleta, n'um cartaz, n'um colete, na hortaliça d'um chapeu de senhora, n'um pequeno aspecto de crepusculo, em certas opiniões que se lêem ou escutam, n'uma vai-

dade, n'uma flor ao peito, n'um artigo de fundo... O pitoresco existe onde exista um pouco de paradoxo ou de originalidade na fantasia, na tolice ou na ortografia. A questão é saber encontral-o — e saboreal-o com ironia e deleite.

Entre muitas coisas pitorescas, não sei se os senhores já repararam no singular prazer que Lisboa está tendo, ao que parece, em merendar e ceiar na discreta, amavel e perfumada companhia de certos animaes, nossos amigos. Ha anos para cá que, obedecendo evidentemente a este marcado e simpatico gosto publico, raro é abrir uma pastelaria ou um restaurante que não esteja luxuosa e requintadamente instalado n'um aprazivel curral, com pinturas arte nova e meia duzia de vacas, coelhos, cães, porquinhos da China e outras especies, digerindo vagarosamente em terno, fraternal e aromatico convivio. Junto das pequenas, brancas e delicadas mesas para os freguezes — a larga mangedoura e as frescas pias para os animaes; completando a elegancia lustrosa do «parquet» para os frequentadores — a fôfa estrumeira para o irracional.

A principio, esta admiravel promiscuidade estendia-se apenas ás vacarias, onde se saboreava o leite fresco, mugido á vista.

Com o tempo, o progresso e a amoravel predileção do lisboeta, a dôce promiscuidade alargou-se a outros não menos confortantes usos. Do leite passou-se ao chocolate, ao cacau, ao pão de ló e, por ultimo, á costeleta e á fruta. O freguez, que ia apenas beber o seu copo de leite, tirado da vasilha espumosa, habituou-se, aclimatou-se, permaneceu — e, enlevado nos aromas fortes e na georgica fecunda da estrebaria, começou a sentar-se, a pedir jornaes, palitos dos dentes e, emquanto as vacas estrumavam e os coelhinhos embalsamavam o ar, começou a apetecer os pasteis de nata e os bifes.

O facto é perfeitamente explicavel. O lisboota amou desde todos os tempos as hortas, o arrabalde, a ilusão do campo, emquanto os bois pastam e o sol declina. No estabulo-pastelaria, na elegante estrumeira-restaurante, viu apenas paisagem — e a paisagem foi-lhe sempre deleitosa. E não serei eu quem conteste o goso bucolico e delicado que possa haver em saborear a uma meza, na companhia discreta de duas mulheres e de um amigo, um nutritivo prato de «croquettes» e meia duzia de pasteis recheiados, sentindo, perto do nosso olfato e da nossa vista, a intimidade das digestões exemplares do gado fecundo e nedio. Acho mesmo que

d'esta forma se justifica uma tradicional designação: a casa de pasto — a verdadeira casa de pasto, a todos os respeitos. O nosso Alencar chamaria a isto — a nota naturalista. E eu concordo inteiramente.

Não foi, portanto, com desagrado, nem com surpreza, que ha dias, na minha ancia de pitoresco citadino, descobri uma outra variedade d'estas instalações de granjas-restaurantes. É um estabelecimento recente, amplo, confortavel, claro. Pequeninas mezas por toda a sala; jarras com flôres; um balcão convidativo; dois creados barbeados — e, nas *vitrines,* em vastos armarios, uma larga profusão de bôlos sêcos, de queijo, de licôres, de culinaria apetecivel. Em torno, no centro, nas paredes, nos cantos, debaixo do armario, do balcão, das mezas, das cadeiras, dos pés dos freguezes, o quê, meu Deus? Um imenso, um bem povoado, um cacarejante poleiro. Por toda a parte, galinhas, patos, perús, pombos, pintainhos. E era n'aquele dôce, animado, ensurdecedor remanso «rempli de gloussements heureux», como se diz no *Chantecler,* que dois cavalheiros bem vestidos discutiam mulheres e beberricavam demoradamente o seu café, emquanto um par ditoso, perto d'um *orpington* vibrante, derriçava e tomava chocolate.

A' hora a que eu ali passei, o poleiro atravessava uma hora amorosa e canóra. Chantecler amava e arrastava a aza. Um borborinho ardente animava o *cócóricó* inflamado e os bicos voluptuosos. Espanejava-se alegria — e o ruido era estridente. A orquestra do cacarejo abalava a vizinhança e a rua, emquanto os frequentadores d'aquele verdadeiro café-concerto gozavam a invejavel delicia do extase e das bebidas quentes.

Entrei com curiosidade, deslumbrado por um casal de galinaceos, verdadeiro apetite de museu. Inquiri do preço — e soube com emoção que nada d'aquilo era para vender. Só se vendiam doces, fiambre, vinhos — emfim, como direi? — naturezas mortas. O resto era exposição, era decorativo, ornamental, musical — simultaneamente, sinfonia e paisagem, pintura e sexteto, para goso dos olhos e do ouvido. Não saí sem relancear sobre todos os objectos, sobre o serviço, as mezas e os criados, um olhar de aplauso e simpatia. E uma coisa singular me feriu a atenção: entre toda a grande profusão de golozeimas e acepipes expostos, uma especialidade das mais procuradas faltava. Coincidencia extranha — nem nas prateleiras, nem no poleiro, havia bôlos d'ovos...

A politica

Não sei se os senhores conhecem o livro de Colette Yver *Comment s'en vont les reines*. E' a historia d'uma revolução na Pomerania e, atravez d'um pequeno caso sentimental, o o romance d'um «méneur» republicano, Samuel Warts. A queda da velha monarquia a proclamação de novas instituições democraticas na linda cidade de Oldesburg, o perfil doce da rainha deposta — tudo é tratado com uma veemente poesia e com um delicado gosto romantico. Lembra de longe, na fatura, *Les Rois*, de Lemaitre.

Folheei a ultima pagina d'este romance na noite da primeira representação da peça do meu distinto camarada Ramada Curto — peça que trata egualmente de episodios de politica revolucionaria n'um imaginario reino da Illyria. Recordei-me de *L'Occident*, de Kistmaekers. De todas essas obras d'arte se conclue que a politica revolucinaria, na Pomenaria, como na Illyria, que nós muito bem conhecemos, é em toda a parte a mesma — e o

caso é que, desde as operetas ás novelas, o assunto parece-me pouco menos que exgotado em todos os seus elementos romanticos de emoção.

Evidentemente, a politica é um grande tema literario e é, sobretudo, um tentador tema teatral. Desde Sardou a Rovetta, desde Emilio Fabre a Bernstein, a psicologia do dirigente de multidões, do homem de Estado tem sido larga e dramaticamente tratada. A politica é talvez a mais absorvente de todas as grandes paixões — e, a mais corrosiva de todas as grandes mentiras humanas. Collete Yver estuda a luta, no coração de um idealista, entre o dominio de um amor feminino e o da ambição politica. A politica vence. O homem que uma vez, corpo e alma, pertenceu a esta amante exigente, não mais se percencerá aos seus afetos e certamente uma das paginas mais belas do *Comment s'en vont les reines* é a sua terna e simples dedicatoria: «Aux femmes d'hommes politiques reléguées par la Raison d'Etat au second plan des préoccupations de l'epoux, et qui devront vivre dans la solitude de leur cæur, ce livre est dédié».

Nenhuma das obras literarias do meu conhecimento, que se ocupam de politica, por mais delicada que seja a sua urdidura e por

mais vibrante que seja, ou pretenda ser, a sua pintura patriotica de caracteres, consegue deixar de nos dar, no final, uma impressão de desgosto e de ferocidade. E' preciso que a politica seja uma coisa brutal e desagradavel, para que não se salve d'ela uma flôr de pureza ou um gesto imaculado d'amor.

E se, na realidade, não conheço nenhuma obra politica, que exalte a Arte, não me recordo de nenhuma obra artistica que, bem ou mal, consiga exaltar espiritualmente a politica — irremediavelmente condenada como a mais antipatica de todas as antipatias humanas. Rafael Bordalo chamou-lhe a grande porca. Podia ter-lhe chamado — a grande fera.

O nariz de D. João

D. João Tenorio ressuscitou ha dias em Lisboa, sob um banal apelido da Costa. O noticiario dos jornaes ocupou-se largamente d'ele. E' ao que ao parece, um rapaz bem trajado, esperto, alto. Chegou de Africa ha dias — e mal desembarcou no Caes do Sodré resolveu comprar um casaco e seduzir Lisboa. E foi dito e feito..

Desde todos os tempos, esta emocionante e funesta arte de seduzir mulheres se resume n'uma meia duzia de regras invariaveis; todos os mil e um expedientes inventados pelo ardil humano, para fazer correr rios de lagrimas femininas, se reduzem a cinco ou seis formulas, na essencia, fundamentalmente identicas. A sua eficacia é que depende, na realidade, de uma aptidão instintiva. Ha homens que nascem para caçar mulheres. Digo isto sem o minimo desprimor para o sexo fraco, porque sou obrigado a confessar que ha egualmente mulheres que nascem para caçar homens — o que equilibra consideravelmente a situação.

E' certo que existem homens que por higiene, divertimento ou «sport», cultivam, sem vocação, os prazeres da caça — como ha homens que, egualmente por habito, distração ou exercicio, cultivam, por acaso, os prazeres do amor. Mas estes não são os puros caçadores ou amorosos — os dignos descendentes de Nemrod ou de D. João. Não são os profissionoes da aventura; são apenas os amadores, os *diletanti* da profissão. Na maioria dos casos, o que mais caçam é moscas.

O verdadeiro caçador, como o verdadeiro Lovelace, nasce já com o instinto da cordoniz ou da paixão. Mata passaros ou conquista donzelas — sem querer. Pode ter outro oficio para as horas vagas, mas o seu modo de vida é aquele. O outro, o caçador amador, percorre leguas de montes, de espingarda ao hombro ou leguas de cidade, de olhar engatilhado e labio tremulo: não lobriga uma vitima. O verdadeiro profissional, o que nasceu predestinado para os gozos fortes da lebre ou da mulher não perde os passos: sae de casa e tem logo uma especie de faro que o guia, direitinho, sem erro d'um minuto ou desvio d'uma polegada, á posição estrategica precisa e á pontaria fatal.

Possuindo-se esta vocação singular e invejavel, tudo o resto (repito) se limita a meia

duzia de preceitos sem importancia. Todas as outras aptidões naturaes ou sociaes são indiferentes. Ha excelentes Nemrods coxos e admiraveis Tenorios marrecas. Fugindo deante dos seus perseguidores, saltando urzes e valados, a simpatica lebre tem o cuidado de ir, ela propria, procurar a espingarda do coxo, sem o minimo incomodo para este, no momento certo em que essa espingarda se digna disparar para o espaço. Egualmente, a palida virgem, fugida a cem adoradores, desempenados e ardentes, vae, por entre a multidão, cair, como a borboleta, nos braços do corcunda, sentado distraidamente a uma esquina, á espreita de «mademoiselle» Bom Bocado. Ha, no fenomeno, uma atração magnetica que ainda não está suficientemente esclarecida — mas em que eu creio piamente.

Expliquem-me, por exemplo, por outra fórma que não seja este sexto sentido formidavel de D. João, o caso inverosimil que os jornaes relatam d'este terrivel sedutor da Costa, ha dias desembarcado em Lisboa. Ha mais de dez anos que, tres ou quatro vezes por dia, eu passo ali pelo Calhariz — e nunca o meu coração ou o meu instinto me disseram qualquer coisa de extraordinario. Suponho que a todos vosselencias terá acontecido a mesma coisa. Pois chega um sujeito d'A-

frica, sóbe n'um eletrico a rua do Alecrim, engraxa as botas no largo das Duas Egrejas, apetece-lhe um sobretudo e o amor — e logo o nariz se lhe dilata n'um faro especial que o puxa para os lados do Loreto. Entra no n.º tantos, cumprimenta o caixeiro — e começam logo as vitimas a despontar e a sorrir. O sujeito tem apenas tempo de as ir pendurando, á pressa, pelos quartos andares da rua dos Correeiros, voltando logo para o poiso — e, de cada vez que chega, zàs!, nova menina que cae, como um fruto loiro que o vento derruba,

Se isto não é um dom singular, um olfato especial, não sei o que seja. A prova é que ha seis ou sete dias que metade da população masculina da de Lisboa vae, em bicha, ao referido estabelecimento do Calhariz vêr se adquire um pouco d'essa especie de visco que o africanista lá descobriu para as donzelas. Eu proprio já lá estive. Nada! Como dizem os prestidigitadores — «non hay preparacion ninguna!» E lembrarmo-nos nós, meus amigos, de que, a esta hora, no Intendente, em Santos ou na Graça, ha outro poiso qualquer onde elas caem — e que o que nos falta é um nariz que nos leve lá!...

Os Tezos

Portugal é o unico paiz do mundo em que se pégam bois de cara. Convidem um hespanhol, um francez, um russo ou um australiano a colocar-se, de braços abertos, deante d'um toiro e a segurar-lhe pelas hastes a arremetida brutal. Nenhum d'esses barbaros compreenderá o merito ou a possibilidade da façanha. E, no emtanto, entre nós, pegar um boi ou um policia é um sinal, quasi imprescindivel, de fidalguia, de bravura e de popularidade.

Esse feitio brigão, atiradiço, impetuoso, dado á pimponice e á temeridade, criou um tipo, que a consideração publica generalisou e que é exclusivamente nacional. Chama-se o *tezo*. O tezo é um sujeito esbofeteador, assomadiço, conflituoso, malcreado, que faz frente, ele sósinho, a dez, varredor de feiras, capaz de todas as irreflexões e de todas as impulsividades e que atravessa a vida ao murro e á estocada, pelo simples prazer de dar murros e estocadas, fazendo da coragem

não um merito ou um incidente mas uma profissão, umas vezes, uma distração outras.

E' vulgar, em Portugal, ouvir dizer: «aquele diabo é maluco, impossivel, — tem um feitio intratavel, mas é «*tezissimo*». E este «é tezissimo», para a indulgencia nacional, explica tudo — todas as loucuras, todas as fraquezas, todas as deficiencias de caracter ou de espirito.

Convem não confundir o *tezo* com o homem corajoso. O homem corajoso existe em toda a parte — e existe tambem em Portugal. E' o temperamento calmo, valente, pronto a dar conscientemente a vída por uma causa nobre, pronto a defender-se, a encarar a morte, a adversidade ou o perigo, quando qualquer d'estas humanas contingencias vem ao seu encontro. Mas a coragem, para aquele que d'ela sabe nobremente servir-se, não é um habito nem uma exibição: é um dever. Cumpre-se, mas não se provoca. Exerce-se, mas não se alardeia.

Pois esta especie vulgarissima dos *tezos* passou, ultimamente, em Portugal, da Mouraria, das Lezirias, das praças de toiros e dos botequins para a politica — e creou o tipo do chamado politico *tezo* que invariavelmente a alma nacional reclama nos momentos criticos. Tenho ouvido por varias vezes dizer,

com toda a gravidade, ácêrca de certos reputados e jovens estadistas nossos: «ele de finanças não percebe nada, em Coimbra passava mesmo por muito estupido, mas é tezissimo. E' o que é preciso». E parece que sim, que é o que é preciso, porque se fazem, á sombra d'esta reputação invejavel, carreiras brilhantissimas por todos os cargos do Estado e todas as evidencias da opinião. Segundo tão excelente conceito, para governar um paiz nada mais é preciso do que ser um valente moço de forcado. E, rabejando assim as subsistencias, ou pegando de cernelha a pasta do Interior, tudo vae otimamente — porquanto o que se quer é tezura, muitissima tezura, e o resto dispensa-se bem.

Ao *tezo* do governo, corresponde o *tezo* da oposição. E' o conspirador profissional, o revolucionario encartado — o que nada teme, o que entende sempre que é necessario «ir para a frente», batendo as palmas a todos os governos, belicoso, violento. Anda pelas esquinas reclamando bordoada; aparece em todas as desordens, moteja de todas as pessoas sensatas. E assim, a pouco e pouco, a politica portugueza transformou-se n'uma especie de Campo Pequeno: briga permanente, boi na praça, piadas do sol e o *tezo* triun-

fante, aclamado, rubro. De vez em quando, recolhe um tezo do governo ou da oposição á enfermaria — coberto de sangue, em braços, com a cabeça deitada abaixo, sob uma chuvada de improperios e apitos. Logo outro surge, empavezado — e salta para a frente do *bicho*. O *bicho*, salvo seja, é o paiz — que é eternamente o corrido.

Parece-me tempo de abrir uma lufada de bom senso n'esta perversão do sentimento critico e politico portuguez e dizer bem alto que o chamado *tezo*, dado á marialvice tradicional e á folia heroica, é uma creatura amoral, perigosa e caricaturalmente nacional. E' preciso destronar essa gloria ribatejana, fazendo d'ela, não um simbolo de heroismo, mas um caso de policia. Um povo eleva-se admirando e cultivando as grandes figuras da Coragem, desde a coragem pessoal até á coragem civica — mas degrada-se de boca aberta deante do brigão profissional.

Teem sido as pessoas *tezissimas*, os moços de forcado da politica, que nos lançaram na linda situação em que estamos, porque se a coragem calma, refletida, que vae até ao sacrificio, quando é mister, é um atributo dos homens de Estado, a pimponice é uma virtude de feira. Bem sei que no dia em que a politica regressar aos homens de espirito,

ela será talvez mais inteligente, mas será menos pitoresca. Pouco importa. A persuasão em que estou de que para governar um povo é necessario ter, acima de tudo, idéas, ponderação, perspicacia e experiencia, faz-me prescindir, com relativa facilidade, do gozo que proporciona este espetaculo bizarro de vêr um paiz inteiro, pronto a atirar as almofadas á praça, a gritar, apopletico, para o Terreiro do Paço:

— A' unha!

Pela minha parte, estou satisfeito — da unha e do resto. Venham as chócas!

Mascaras

O noticiario d'estes dias de Carnaval á paisana, como espirituosamente o definiu um meu amigo, revelou-me aspetos filosoficos complexos, que passo ligeíramente a apontar. A mascarofobia atingiu expressões delirantes — e (diga-se de passagem), se em algum local de Lisboa se transgrediram as ordens do sr. governador civil foi evidentemente no governo civil, onde, durante estes dias se jogou o entrudo descaradamente.

Pessoa suspeita de mascarada que fosse encontrada na rua era conduzida á presença da autoridade. Algumas crianças, com fatos de fantasia, uma ama vestida á moda do Minho, outra vestida á alsaciana, creadas de touca, poetas de cabeleira — todos foram apanhados na rede policial. Logo que chegavam á presença do chefe, este increpava os transgressores:

— O senhor não sabe que foi proíbido o carnaval?

— Perdão, mas...

— Essa cabeleira está abrangida pelo edital. Cortem-n'a.

E, emquanto se aparavam guedelhas e se lavravam autos, as crianças, as amas e as criadas eram implacavelmente despidas dos trajes subversivos e conduzidas, em fralda, para a via publica. Só assim, nessa «toillette» irrepreensivel, lhes era permittido seguirem o seu destino.

A policia tem sido talvez censurada por estas incoeerencias de zelo — mas, a meu vêr, sem razão. Pela minha parte, confesso que se tivesse a meu cargo, n'esses dias, o policiamento das ruas me teria visto sériamente embaraçado.

Onde começa, de facto, e onde acaba um trajo carnavalesco? Suponho que nenhuma pergunta mais delicada foi ainda posta á consciencia d'um sincero observador dos costumes d'uma capital moderna. Uma senhora pela moda romantica de 1830 pode considerar-se mascarada, ao lado d'uma outra que vista pela moda de ha dois anos? Porque é que uma saia de balão ou uma cabeleira empoada são figurinos de entrudo — e uma saia com fólhos ou um penteado de *chichis* o não são? Qual é o limite, no tempo e no espaço, imposto ás conveniencias da indumentaria de hoje?

Ha dias, um autentico grupo de chinezes, com as suas vestias orientais, atravessou, á minha vista, o Caes do Sodré, sobre o olhar discreto e indiferente d'um guarda civil, que achou aquelle vestuario n'aquelles estrangeiros, naturalissimo. Se eu tivesse a veleidade de me vestir á chineza, o mesmo guarda civil prendia-me, certamente. Pergunto: e se os chinezes se vestissem á européa porque não haviam tambem de ser presos? Porque é que eu, de kimono negro, na rua do Alecrim, estaria mais mascarado que Li-Fun-Hang-Chi, subindo o Chiado, de fraque e de côco?

O que pode caraterisar o disfarce carnavalesco é — dir-me-hão — a intenção jocosa da pessoa que o exibe. Mas, sendo assim, um *ché-ché* que percorra a Baixa, grave e compungido, como uma alma pezarosa, fazendo visitas de pezames, está ao abrigo de todas as etiquetas sociaes.

Taes são as considerações que ofereço ás autoridades do paiz, n'esta hipotetica quarta-feira de simbolicas cinzas. Tal é o problema filosofico que n'estas colunas proponho ao 47, da 4.ª esquadra: onde começa e onde acaba na vida o Guarda-Roupa Cruz? Que o estimavel 47 me responda — para eu o comunicar ao meu alfaiate.

Mitos

Um cavalheiro do norte descobriu, segundo me consta, esta coisa tremenda: que Camões foi um mito. O volume em que esta transcendente e audaciosa novidade se exprime intitula-se mesmo *O mito de Camões* e tem este subtitulo que não permite equivocos: «De como se prova que a existencia do grande Epico é lendaria.»

Esta admiravel revelação produziu-se em Braga n'uma edição com alguns exemplares — contradição singular! — reservados aos *srs. camoneanos.*

Não tenho aqui á mão, longe como estou dos meus livros, a preciosa e curiosissima brochura em que cabalisticamente um frade francez pretendeu demonstrar, ha anos, com uma gravidade teologica e perfeita, a não existencia de Napoleão, filiando em composições e ideações astrologicas todas as peripecias culminantes da aventura e da gloria do grande dominador da Europa.

Braga não nos deixa ficar atraz e acaba de nos descobrir presumivelmente que Camões, a gruta, *Os Luziadas* e os vilancetos não passam de irrealidades metafisicas ou de saborosas lendas e mitos admiraveis.

Ha meia duzia d'anos, Vila do Conde em peso, com larga copia de argumentos e certidões, discutiu com a mãe de Eça de Queiroz a terra do nascimento do grande escritor. E, emquanto a ilustre e nobre senhora sustentava, com uma autoridade só de experiencias feita, que seu filho nascera na Povoa, no predio numero tal de tal rua, Vila do Conde sorria e contestava.

Suponho que se, nessa altura, alguem afirmasse á mãe do romancista que seu filho não passava de um mito, como Homero, a excelente senhora esfregaria os olhos e, de tão desnorteadas que andavam as suas recordações, nada se atreveria já a dizer. As certezas humanas estão cada vez mais pela hora da morte!

Que Jesus Cristo nunca existiu, afirmou um escritor italiano. A negação humana vae desde os confins da historia até aos nossos dias — e ás nossas portas. Quem é que nos afirma que Braga existe — essa devota Braga que, nos seus prelos tremendos, nos prova que Camões não passa d'uma lenda? Ha aí

alguem que já tenha ido a Braga? Ha aí alguem que tenha almoçado no Bom Jesus? Pois eu ainda lhes hei de provar que o Grande Hotel Gomes & Matos é apenas um mito, onde, aliás, se comem excelentes costeletas de porco. O Bom Jesus? É apenas o simbolo creado pela fantasia e pelos joanetes d'alguns dos nossos patricios brazileiros. Os judeus, as capelas, são instrumentos e imagens simbolicas e significam talvez os tormentos da jornada do exilio de nossos irmãos d'além mar. A agua do Sameiro significa a agua pura e dessedentadora da Patria — e é mesmo, por isso, que ela é magnifica em limonada.

Quando todos nos convencermos de que, como Camões, Afonso Henriques, Vasco da Gama e Afonso de Albuquerque não passam de lendas; quando nós adquirirmos a evidencia admiravel de que, como Braga e o Bom Jesus, Guimarães e a Pampulha, a fundação da monarquia e as bolachas, a torre de Belem e a Avenida nunca existiram; quando nós instalarmos definitivamente no nosso espirito estas e outras convicções perfeitas, havemos de ter, emfim, horas de invejavel libertação filosofica.

Vamos a caminho d'isso, vamos a caminho d'isso, felizmente! Já ha anos no Tribunal do Comercio de Lisboa que, por sinal, não exis-

te, um juri composto de conspicuos cidadãos afirmou, em resposta a um quesito que lhe foi proposto e n'uma causa conhecida, que a revolução de cinco de outubro de 1910 não tinha existido. E a sentença assim o decidiu. Depois d'isto, só me surpreende que haja alguem que não veja que o sr. Bernardino Machado é um mito e que haja pessoas que acreditem em que o sr. Teofilo Braga exista. Lendas!...

Ressuscitar

A proposito d'um episodio que no outro dia li n'um jornal, recordei-me d'uma comedia franceza que ha tempos li. Parece-me que é uma comedia de Piérre Weber. N'este *brouhaha* do moderno teatro francez, em que, como regra, todas as peças se parecem, é dificil fixar uma obra: todas elas, salvo algumas nobres exceções, se misturam no nosso espirito na mesma reminiscencia apagada de bom humor gaulez, amantes, ceroulas, graça, fraldas, «cocottes» e um ato passado em Trouville.

Da comedia de Weber, salvo erro, a que me quero referir, apenas me lembro do entrecho que tem uma curiosa filosofia. N'ele se prova que nada ha como morrer ou, melhor passar por morto, para ser feliz: isto é, para gosar da notoriedade de todos os meritos e virtudes. Bem sei que isto não passa d'um logar comum da experiencia humana

— mas é um logar comum que a peça franceza explora com uma cintilante ironia. Trata-se d'um pintor cujos talentos ninguem reconhece nem admira, desde o publico até à propria mulher que o desdenha e atraiçoa com uma «verve» regular. Esse homem deixa-se passar por morto, dà-se ao prazer macabro de assistir aos seus proprios funeraes, em que a Academia Franceza se faz representar e assiste, vivo e incognito, á consagração ruidosa, triunfal e unanime, dos meritos que, em vida, todos lhe contestavam. A propria viuvez da mulher é uma edificante pagina de ternura postuma.

Se todos os homens ilustres se déssem ao luxo de seguir o exemplo d'este pintor da peça franceza, tirariam quasi todos da experiencia idéas e exemplos salutares. Deve haver para certas pessoas uma coisa muito mais divertida do que viver: a qual é, salvo seja, morrer, sem os precalços desagradaveis e definitivos da verdadeira morte. Morrer, é claro, de perfeita saude; morrer nominalmente, sem desgostar ninguem; — morrer apenas, pelo prazer de, no dia seguinte, de charuto ao canto da boca, depois d'almoçar no Tavares, lêr, á sobremeza, o seu necrologio escrito efusivamente pelos seus inimigos.

Ha muitos homens que passam a vida na

tortura terrivel da desconfiança de si proprios. A duvida do seu proprio valor, se o teem, assalta-os constantemente. E morrem a valer, afinal, sem nunca terem gozado essa certeza de orgulho e essa confianca no exito que só a vaidade dos infinitamente mediocres saboreia.

Depois, ha ainda em Portugal terras de provincia onde, nos funeraes das pessoas queridas, é de uso comer e beber, á custa dos doridos, biscoitos regados com vinho e lagrimas... espumosas. Junto de alguns cemiterios do norte, ha excelentes e bem guarnecidas tabernas, destinadas quasi exclusivamente a essas cerimonias de alcoolica e pungente dôr. Imaginem os senhores a cara dos tristes convivas, em ato de proceder ao funebre esvasiar da ultima caneca de vinho verde de Amarante, vendo aparecer á porta, de cravo ao peito e no gozo de todos os direitos civis e politicos, o morto honrado com tantas libações.

O assunto tem dado alguns contos fantasticos de Poë, uma novela dramatica de Zola, varios poemas e narrativas mais ou menos macabras e até algumas peças do «Grand-Guignol». Mas, nem por isso, em todos os seus aspetos, está exgotado. A morte é ainda o melhor posto de observação da vida. E' certo

que, ás vezes, a alguns falsos mortos poderia acontecer como ao protagonista da comedia franceza — que nunca mais quiz ser quem era e se meteu dentro da pele de outro cidadão para o resto dos seus dias. Teve medo de voltar a encontrar-se com os amigos...

O Porto, amigo fiel

O Porto é uma cidade que não perdeu ainda o seu caracter. Dizer isto d'uma terra portugueza, nos tempos que vão correndo, é o seu maior elogio. No meio do cosmopolismo e da crescente desnacionalisação da vida nacional nos ultimos cincoenta ou sessenta anos, o Porto tem sabido conservar a sua individualidade — ou, pelo menos, os mais fortes traços da sua individualidade.

Se raparmos um pouco a face brunida do portuense de 1919, lá encontraremos, por baixo, solidas e astutas, as suissas e as virtudes do portuense do tempo de Camilo e de Soares de Passos. A mesma tradicional desconfiança do seu semelhante, o mesmo culto do dinheiro, o mesmo apêgo ao negocio e á casa, a mesma rudeza na honra, as mesmas medalhas de brilhantes penduradas na corrente, os mesmos habitos madrugadores, o mesmo fecundo desdem pelos poetas e pelos vadios e o mesmo geito de olhar, por cima da

burra e dos oculos, a pelintragem de Lisboa e os valdevinos da Praça Nova.

O Porto fez-se, engrandeceu-se pelas suas virtudes burguezas — e mantem-se aferrado a essas mesmas virtudes que o fizeram prospero e invejado. Embonecou, alindou, envernisou, certamente, o seu balcão da rua das Flores e dos Clerigos; instalou a luz electrica nos seus predios, arborisou e floriu Carreiros e o Passeio Alegre, acomodou-se materialmente ao seu seculo — mas permaneceu irredutivelmente dentro dos seus historicos sentimentos, como dentro d'uma praça forte. Os janotas são ainda os mesmos janotas terriveis e alarmantes de 1840 e 1860 e o comerciante é ainda o mesmo vigilante e honrado homem de negocio, grave e pae de familia, que não transige com o janota, nem com o escandalo. E' por isso que o Porto conserva ainda, como duas castas distintas, separadas irredutivelmente, o estroina e o «pé de meia» — isto justamente n'uma altura em que, de ha muito, em Lisboa e em Moncorvo, o «pé de meia» se fez estroina e o estroina se instalou no «pé de meia».

Se o Porto ainda não secou inteiramente as lagrimas de Soares de Passos e se o jardim de S. Lazaro continúa a ser pelo lusco fusco, o mesmo alfobre de amores romanticos e de

costureiras sentimentaes, o janota ainda não perdeu o culto dos coletes de ramagens, da «prima-dona» e da «ecuyère» de circo. Ainda ha quinze anos não passava pelo palco de S. João ou pela arena do Principe Real companhia italiana ou estrela polaca que não incendiasse clarões e devastações de paixão, menos ruidosas, mas não menos verdadeiras, que as d'outr'ora.

Por outro lado, o «lar» do Porto é ainda a mesma casa solida e simples. Por coisa alguma d'este mundo, o portuense transigiria com o habito lisboeta de morar engavetado em andares e metades de andares. O portuense tem a sua casa desde a porta da rua até ao telhado e, se continúa a passar perfeitamente sem dar *raouts* e sem se empenhar na confeitaria, não dispensa a travessa fumegante do *roast-beef* e do arroz doce e continúa a amar os confortos da mesa com o prazer e a abundancia de quem sabe que este mundo são dois dias. O portuense ama a familia, os Clerigos e a rua do Bomjardim — mas ama tudo isto forte e nobremente, com firmeza e ciume.

Ah! Eu não ignoro que, desde as paixões liricas até ás vírtudes caseiras, o progresso tudo tem adoçado e alguma coisa tem estiolado e emurchecido. Mas o fundo geral, o temperamento e o caracter do Porto são aínda

hoje viçosa e nutridamente apegados á tradição disfarçada, mas viva, dos seus costumes antigos. E é justamente essa larga, prospera alma burgueza que eu amo na minha terra, terra dos melhores anos da minha vida.

Amigo do seu amigo, o Porto é, por isso, uma terra de recordações — o que não acontece ás terras cosmopolitas e banaes. Nunca atravesso o Porto sem a comoção das recordações historicas e literarias que ele encerra — desde Garrett até Ramalho Ortigão, desde o *Arco de Santa Ana* ao *Prato de Arroz Doce*, desde Arnaldo Gama até Julio Diniz, desde o romantismo politico do rei Passos até ao romantismo literario e amoroso de Camilo, desde as minhas primeiras leituras até á esturdia jornalistica do Camanho, companheiro fiel em que, ha trinta anos, nas mesmas prateleiras desbotadas, dormem as mesmas botijas de cerveja e de genebra e, encostadas ao mesmo balcão amarelado, repousam as calvicies dos mesmos creados!

Nós todos, os que, ha quinze e dezoito anos, n'esse café, discutimos a Revolução Franceza e o *Assomoir*, chupámos cigarros e entornámos copos de cerveja — nós todos nos dispersámos e perdemos por este mundo. Uns, como Lobato, Solano, Meira, morreram: outros, como Antonio Patricio e Paulo Osorio,

estão longe; alguns emudeceram, alguns triunfaram, alguns faliram. Semeámo-nos por esse mundo — desde as mesas das redações até ás secretarias do Estado. Só o Pedro — o Pedro, não é verdade? — continúa fielmente a servir cafés e «cognacs» nas mesmas mezas em que nós riscámos castélos e sonhos e esmurrámos copiosamente a esfinge da Verdade.

Ah! o Porto é fiel ás suas recordações!

Carecas

Noticias recentemente publicadas nos jornaes ácêrca d'uma festa da flôr realisada n'uma localidade da provincia, dão conta d'um facto que reputo sensacional. Entre os varios numeros da linda comemoração primaveril e civica, houve um, cujo exito excedeu toda a espetativa: foi nem mais nem menos do que a arrematação d'um careca.

D'um careca, é verdade. A minha primeira impressão, ao ler a tremenda noticia, foi de que se tratava d'alguma flôr esquísita conhecida, em calão de salas ou vocabulario de jardins, por aquela pitoresca denominação. Mas depressa me desiludi. O careca leiloado não era um specimen de floricultura. Da propria redação da noticia transparecia o erro da minha primeira impressão. As senhoras, parece-me que de Vila Nova de Foscôa, entretiveram-se a arrematar, n'uma das ultimas tardes, uma autentica calvicie, com todo o aspéto de figura humana — destinando o produto d'esta venda bizarra ás vitimas da guerra.

Deante de tão inquietante acontecimento, cujas graves consequencias não posso prever, julgo-me no dever de lançar o meu grito de alarme. O ato das senhoras de Foscòa importa, na verdade, em todo o paiz, a suspensão das garantias para todas as cabeças menos arborisadas. Pode ser o estado de sitio decretado para os carecas — e decretado no unico *Diario do Governo* que em Portugal se cumpre: o capricho das mulheres. Se começa a vulgarisar-se esta moda singular, as luzidias calvas luzitanas vão, é certo, subír de preço, na predileção feminina, mas consideradas como objetos de comercio, embora comercio patriotico e humanitario, a sua integridade e independencia ficarão consideravelmente abaladas. Quanto valerá, nas proximas Festas da Flôr, um *bouquet* de carecas — liririos sem perfume, redondos e imaculados? Não o posso calcular. Mas tambem, em dias de subscrição para as vitimas da guerra, quem poderá garantir a propriedade das calvicies reluzentes e ilustres que ornamentam a nossa terra? Um careca estará sempre á mercê de ser colhido pelo pé, como um cravo ou um amôr perfeito no canteiro.

E, depois, qual é a estranha razão que equipara, em valer estimativo, um careca a uma orquidea? O calvo de Foscòa vendeu-se

por pouco mais de dois mil e quinhentos, o que, sendo um preço apreciavel para um botão de rosa, não é de fórma alguma quantia suficientemente remuneradora para pagar o sr. Petra Viana, convenientemente acondicionado n'uma cestinha, entre verdura.

Mentiria tambem se não confessasse a minha inquietação pelo destino dos carecas leiloados e transportados, entre lilazes, para o centro de meza das benemeritas subscritoras. Nos primeiros dois dias não lhes faltarão evidentemente agua fresca e carinhos. Mas conheço bastante a volubilidade feminina para ter as minhas duvidas sobre a constancia d'esta hospitalidade. E o abandono d'esses meus depenados semelhantes, entre mal-mequeres murchos, no caixote do lixo, compunge-me sinceramente, pondo em pé os poucos cabelos mobilisados que ainda me podem defender d'este agressivo capricho da moda.

... E' verdade — esquecia-me de lhes dizer que o careca de Vila Nova de Foscôa era de papelão!

INDICE